



Fernando Pessoa
Vinte Anos de Poesia Ortónima
I
1915-1920

PESSOANA • EDIÇÕES

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

S

Vinte Anos de Poesia Ortónima

I

1915-1920

© João Dionísio e Imprensa Nacional-Casa da Moeda.

Esta edição digital pode ser descarregada gratuitamente.

A citação e a reprodução total ou parcial são autorizadas, devendo a proveniência ser indicada da seguinte forma: «Fernando Pessoa, *Vinte Anos de Poesia Ortónima. I — 1915-1920*, edição de João Dionísio, ed. digital gratuita. Lisboa, Imprensa Nacional, 2020».

Os textos que formam esta edição foram inicialmente publicados no vol. 1, tomo 2, da Edição Crítica de Fernando Pessoa: *Poemas de Fernando Pessoa — 1915-1920*, edição de João Dionísio, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, 2005.

A estrutura e o conteúdo dessa edição-mãe são conservados, com as seguintes intervenções principais: foram corrigidas gralhas, foram revistas leituras, foi adotada a ortografia oficial vigente, foram retirados os instrumentos críticos acessórios do texto (aparatos, anotações, introduções, índices, etc.), em alguns volumes foram retirados textos incompletos. Para facilitar o cotejo com a edição-mãe, os textos mantêm o número que aí tinham, o que explica alguns saltos na numeração desta edição digital.

Dezembro de 2020.

Fernando Pessoa
Vinte Anos de Poesia Ortónima
I
1915-1920

Edição de João Dionísio

PESSOANA • EDIÇÕES

LISBOA 2020

N I M P R E N S A
N A C I O N A L

ÍNDICE GERAL

POEMAS 1915-1920

3	Frei João, teus poemas	17
5	Deus sabe melhor do que eu	17
6	Eu só tenho o que não quero	18
7	Barca de sonhos e de afastamentos,	18
8	Aglaia	19
9	Não eram as horas que nós perdemos,	19
10	Estendo os braços para ti...	20
11	Níria	21
12	A Ilha deserta	22
13	Todos nós temos uma ponte que passar...	23
15	Não me perguntes por que estou triste...	23
16	Estou triste e não sei	24
19	Os barcos passam no rio	24
20	Do alto da cidade	25
21	Meu coração é uma ânfora cheia	27
22	Queria andar toda a vida	27
23	Visitámos desertos, e os lugares	28
24	Ninguém o foi buscar...	29
25	Nuvem na eurritmia	30
26	Anda com a minha alma ao colo	31
28	Tine fina ainda	33
29	Trouxeram-a morta,	33
30	Meu coração é uma princesa morta.	35
31	Níria I	36
32	Níria II	37
33	Em dias leves, sonolentos,	40
34	Sem nexo querería as opalas e as tardes.	41
35	Fluxo e refluxo eterno...	42
36	O meu tédio não dorme.	42
37	Corpo que tens divinas procedências	43
39	Ah quem me dera a calma	43

41	No halo que há em torno à hora,	43
42	Que vinda sombra	44
43	Gládio	45
44	Luminosidade	46
46	Saque da cidade...	47
47	A Arca de Noé da minha Imperfeição	47
48	Cada cousa é uma morte vivendo,	48
50	Uma árvore é Deus todo.	48
51	Quando olho para a terra	49
52	Com tuas mãos piedosas	49
53	Escuta-me piedosamente.	50
54	Acorda. Vem	51
55	É interior à minha mágoa	52
56	Na Grande Ilha ao centro de Ser	53
57	No claro dia, agora	54
59	A Revolução	54
60	Pescador do mar alto,	55
62	Asas	56
64	Escrevo, e sei que a minha obra é má.	57
65	Senhor, meu passo está no Limiar	58
67	O barco abandonado	59
68	<i>Brise marine</i>	61
69	<i>Nonsense verses</i>	62
70	Dia de verão	62
71	Ela era rainha destronada...	63
73	Hoje estou triste como alguém que quer chorar	65
73A	Um pouco o inocente, um pouco o antigo, um pouco	66
76	Coa-se através da minh'alma	66
77	Tenho um segredo que nem eu próprio conheço...	67
78	Movem nossos braços outros braços que os nossos,	68
80	Não sei, ama, onde era,	68
82	Fecho os olhos, medito	69
84	Às vezes, quando cismo, e incerto vou	70
85	Num país sem nome	70
86	A noite vai alta	71

87	Tange a tua flauta, pastor. Esta tarde	71
88	O mar.	72
89	A do xale vago chegou à janela.	72
90	Nada nos faça dor,	73
91	As sete salas do palácio abandonado	73
92	A minha alma é um horário de comboios	77
93	Insaciedade infantil e dos homens.	78
95	Alga	78
96	Análogo	79
98	Há uma vaga mágoa	80
99	Ó mera branca	80
100	Corre aos meus pés o rio.	81
101	Rondam às vezes o meu espírito desprevenido	82
102	Onde ides vós, deixando por colher	85
103	Pela tarde de outono onde o verão	85
105	Crepúsculo em Deus	86
106	No ardor que não dista	87
109	Mas a Noite e o Silêncio continuaram	87
111	Longe das cinco partes desta terra	88
113	Xerazade	89
114	Impossível visão	90
119	Eu irei contigo, na hora batel de flores,	91
120	Na sombra e no frio da noite os meus sonhos jazem.	92
121	O mundo rui a meu redor, escombros a escombros.	92
123	Eram três filhas de rei.	93
125	Um piano na minha rua...	94
126	Paira do alto céu a luz da primavera	94
127	Marinha	94
128	Lábios que pousam e que entreabertos	96
129	Não é para nós, os fracos, para quem a vida é tudo	96
131	No país das lagoas a tarde	97
133	O reino longínquo dos ÍDOLOS mortos	98
135	É um país remoto...	98
137	Tragam-me o barco e tragam-me as rosas	99
139	Não tenho nada pra te dizer	99

141	Rabequista louco	100
143	Não sei. Falta-me um sentido, um tato	101
144	Onde é a serenata?	101
146	Súbita mão de algum fantasma oculto	103
148	Sim, porque os Deuses guardam	103
149	Passam as nuvens, murmura o vento	107
151	Nuvem	107
152	As horas de que eu tenho pena	108
153	Teus braços dormem no teu colo,	109
154	Para onde vai a minha vida, e quem a leva?	110
156	Canção triste	111
157	Quando eu amei, não fui amado,	112
158	Levai-me para longe em sonho,	113
159	Ó altas serras do horizonte	113
164	Traze, a hora pesa, os perfumes dum Oriente	113
167	Pobre criança que qu'ria ter	114
168	<i>Nomen et praeterea nihil</i>	114
169	Gládio	115
170	Meu pensamento, dito, já não é	116
172	Penugem	117
175	Tu, espírito longínquo, que, magoado,	118
180	Abdicação	118
184	Sossego enfim. Meu coração deserto	122
185	Afonso Costa	123
188	Ao seu tear de sonho e vida,	123
189	Alastor, espírito da solidão,	124
191	Suavemente embala.	124
193	Um princípio leve de primavera fria,	125
195	Ama, canta-me. Eu nada quero	126
196	Eu sou o disfarçado, a máscara insuspeita.	127
197	Na tarde vaga e vasta,	128
198	<i>L' Inconnue</i>	129
204	Juliano em Antioquia	129
205	Por cima das revoltas, das cobiças,	130
206	O sol às casas, como a montes,	131

207	No ouro sem fim da tarde morta,	132
208	Báquica medieval	132
209	Soror Mariana	133
211	Trago nas mãos as oferendas todas	134
224	Cada palavra dita é a voz de um morto.	134
227	Três dias e três noites festejaram	135
231	A alma de meu ser se perde no teu amar	135
233	«Nascera eu pastor,	136
235	O rio, sem que eu queira, continua.	136
236	Ah, viver em cenário e ficção!	137
239	Na estalagem a meio-caminho	137
240	No circo onde a ver fui criança	138
241	Um, dois, três...	138
244	Inútil dessocego	138
252	Na altura, de onde vejo, toda a rasa	139
254	Ó nau que voltas do noturno vasto	139
255	Na fuga inútil dos penosos dias	139
257	Todo o passado me parece incrível.	140
258	Tu, vento do sul, ou vento do norte, ou vento	140
259	À noite	141
260	No alto da tua sombra, a prumo sobre	142
262	Inscrições	142
263	A criança que mora à beira do cais	144
264	<i>Sonitus desilientes aquae</i>	144
265	<i>Tramway</i>	146
266	No jardim suburbano da minha infância afastada	147
267	Figuras de □ e fraque,	148
270	Qualquer caminho leva a toda a parte.	148
271	Sobrinhos de Caim ou Abel	150
272	E surjo, distante e a sós	150
273	Triste é a vida	150
274	Vendaval	151
275	A noite é escura, e a cidade alheia	153
276	Inês	153
277	Cai do firmamento	156

279	Onde é que a maldade mora?	156
282	Pousa um momento,	157
283	Meu ser vive na Noite e no Desejo.	157
285	1920	158
289	Hoje em que nada é português	159
290	Clarim! Os mortos!	160
291	Este vem trôpego e cego	160
292	Porque é que Deus põe as cousas	162
293	Apanho verdades aos molhos	164
294	Tu olhas para a tua desgraça,	166
295	A cada braço que cai	168
296	Anda o povo a passar fome	169
297	Era dez reis por cada homem	171
298	Sou cego mas tenho vista	172
299	Não riam da minha praga,	173
300	A lembrada canção,	176
301	Longe de mim em mim existo	177
302	Pudesse eu como o luar	177
303	Outros terão	178
304	Madrugadas III	179
305	Ah, a angústia, a raiva vil, o desespero	179
307	Poema incompleto	180
308	Luar	180
311	Dói-me a alma como um dedo. Nem	183
313	No limiar que não é meu	184
314	Os deuses dão a quem sofre	185
315	Redemoinho, redemoinho	186
316	Onde pus a esperança, as rosas	186
320	Mataram à machadada	187
321	Meu coração caiu no chão.	187
322	Um frio de dor	188
323	Revive ainda um momento	189
325	Nas cidades incertas	189
326	Fiquei doido, fiquei tonto...	190
327	Meu coração, feito palhaço,	191

328	Mas dia a dia	191
329A	No ar calmo, aluarado e vão	192
330	Despedida	192
332	Os deuses são felizes.	193
333	Teca	193
334	Água corrente,	194
335	Se o teu palácio chega até ao céu,	195
336	Ah, a antiga canção,	195
337	A tua carne calma	196
338	Na aldeia ao pé do mar, quem sou?	197
339	Horário	197
340	Eu no tempo não choro que me leve	198
341	Geração vil, intermitência	199
344	Quem rouba a minha bolsa, rouba lixo.	200
345	Os meus pombinhos voaram.	200
346	Eu tenho um Bebé	200
347	Bombom é um doce	201
348	Tudo quanto sonhei tenho perdido	201
349	Os lírios do país do sonho	201

Frei João, teus poemas 3
Ascéticos, não mostram
Mais do que o teu desejo
De não sentir o nada

post 21-1-1915

Deus sabe melhor do que eu 5
Quem eu sou
Por isso a sorte que me deu
É aquela em que melhor estou.

Deus sabe quem eu sou e alinha
Minhas ações
Duma forma que não é a minha
Mas que tem íntimas razões.

4-2-1915

6 Eu só tenho o que não quero
 E a vida é pouco pra mim...
 Não sei por que cousa espero
 Nem se a quererei ao fim...

 Conto as horas como moedas
 Que nunca penso em gastar...
 E como quem rasga sedas
 Desfaço o que quero usar.

 Quem me dera poder ter
 Alguma cousa na vida
 Que chorar ou que querer...
 Ó pobre à porta da ermida...

7-2-1915

7 Barca de sonhos e de afastamentos,
 Não ires tu para Nenhum-Lugar,
 Que é onde os meus □ pensamentos
 Costumam meus sentidos esperar

 Não poder ver o invisível
 Tortura-me como uma dor...

7-2-1915

Aglaia

8

Cascatas para cousas menos frias
Que cascatas caindo, escadarias
De vagas águas, mágoas em passadas
Ao meu silêncio, que as escuta dadas...
E neste sonho, pórtico secreto,
Cofre velho com seda mal coberto,
E eu sinto em mim, em Luar e Cipreste, frio,
Passares, mastros de infiel navio.

15-2-1915

Não eram as horas que nós perdemos,
Nem o comboio que não chegou.
Foi só o barco e o gesto dos remos
E a triste vida que já passou.

9

Tudo nos dava a impressão de havermos
Entre travessas errado a rua,
E não acharmos o amor, nem termos
Para a tristeza senão a Lua...

Tudo isso foi como se não fosse...
Antes tivesse durado menos...
Enfim, que importa? Não há a posse...
E os céus eternos só são serenos...

21-2-1915

Estendo os braços para ti...
A noite cai nas nossas mãos...
Nós éramos melhor que irmãos
Na outra vida que vivi.

Teus girassóis eram na alma...
Os teus tanques nos gestos teus...
Tu inclinavas-te pra Deus
E o espaço era uma grande palma...

Perdi-te quando me encontrei...
Não quis a vida que me deram...
Nossos beijos de outrora eram
Segundo uma divina lei...

Aparecias entre véus...
Passavas entre o trigo e a tarde...
Ainda no meu coração arde
A sombra da luz dos teus céus.

Deixa que eu peça a Deus por ti
Para que venha algum dia
Quando a vida estiver vazia
E eu chore o oco que vivi.

Então talvez de entre palmeiras
Tua presença abra em flor
Conhecerás no meu amor
Como uma brisa por bandeiras.

Água nas cascatas desfeitas
Do meu sorrir enternecido...
Serás o inteiro sentido
Das nossas horas mais perfeitas...

Luar subido ao horizonte
Da minha ânsia de ti
A tua vida estrelas e
Tantas estrelas que em vão conte.

Em teu torno, halo misterioso,
Sete planetas com anéis...
Seguindo como □ fiéis
O teu advento silencioso.

E a vida longe, como um belo
Manto deixado em desvario...
Nós indo pra o Castelo Esguio
E Deus saliente do Castelo.

24-2-1915

Níria

11

Amei-te outrora, antes de ter
□
Depois aconteceu-me a alma
E eu nunca mais te soube ver.

Eras da altura do meu sonho
Teus cabelos pretos mas luar...
E tudo isso correu pra o mar
De eu ter hoje este ar tristonho.

Tua alma em meu corpo delgado...
Tudo isto foi longe de aqui...
Ainda da alma me sorri
O teu último olhar amado

Depois separou-nos o Espaço...
Tu és ainda irreal e vives
Em grandes, lúcidos declives
Que a Mãe de Deus tem no regaço...

Choro se te recordo... Vou
Ter contigo às portas de Deus...
De vez em quando olho pra os céus
E apareces no que sou...

[ca. 24-2-1915]

12

A Ilha Deserta

Minha janela deita para a Névoa
E a névoa é tudo, e o Universo ao meio...
Se me procuro, nos meus olhos leio
A hora virtual e em mim elevo-a.
 Minha tristeza, devo-a
Ao ritmo essencial do meu enleio.

Que sentido têm frases, se o poente
Há mesmo nas palavras como um lago.
Ao colo do meu tempo interior trago
Um sonho eterno adiado para doente.
 A hora passa rente
Ao meu íntimo dia sempre aziago —

Ah, a ilha deserta, em mar, ao fundo
 Da minha consciência!
E entre nós dois a imprecisão do mundo.

6-3-1915

Todos nós temos uma ponte que passar... 13
Reparamos às vezes que já a passámos...
Aparta com as mãos levemente os ramos
E sorri para mim, com o ver-me no olhar...

Se nós nos inquietássemos muito, estaria
Sempre a meio da ponte a pobre vida que temos...
Do barco amarrado ao cais levaram os remos
Senão a nossa dupla inconfidência embarcaria...

Mas não vale a pena, nem merece elogio, o tédio...
Embalemo-nos um ao outro, como se valesse...

E a vida vive-se como quem tem que tomar um remédio
14-3-1915

Não me perguntes por que estou triste... 15
Fico mais triste por não poder
Dizer-te por que esta dor existe
E nunca cessa de me vencer.

Ah, ausente lugar da minha mágoa,
Numa ilha cheia de sol e flores
Deve haver ritmos de brisas e água
Bastando às almas por paz e amores.

Deve haver dias ali felizes,
Horas que passam sem se falar...
Ó Morte dize-me em que países
Guardas a vida de além do Mar?...

Dize baixinho, no meu ouvido,
A que distância deste meu ser
Puseste aquilo que eu hei perdido
Antes de a vida me conhecer...

E depois leva-me até essa ilha,
Leva-me longe, perdido em ir,
Ah, o canto da água que ao luar brilha!
Ah, a viagem para Existir...!

12-4-1915

16 Estou triste e não sei
 O que me desola...
 Ler... perder-me... Achar
 Dentro em mim
 Só a ciência consola.

12-4-1915

19 Os barcos passam no rio
 E fazem-me chorar.
 Não sei que quero, e há frio
 No meu desejar.

Os barcos passam. As velas
São reais e tranquilas.
Minha dor é janelas
Sobre horas às filas.

Há realmente barcos
No rio exterior...
As pontes têm arcos
E isto faz-me dor.

Queria outra cousa
De acordo comigo.
Queria ser na alma
Como ao vento o trigo.

Há felicidade
Em ondear sem alma.
As paisagens tristes
Inda assim têm calma.

Só na minha dor.
Não há calma ou fim.
Sol tão exterior
À dor que há em mim!

15-4-1915

Do alto da cidade
Olho e em baixo, profusa,
A multiplicidade
Tão nítida e confusa
Das casas da cidade...

20

O céu é todo azul
E a cidade é vazia
Há um calor que me esfria
No seu gesto de sul
Sob o céu todo azul...

Sim, dessa mole mista
De casas, tetos, espaços,
Sai um hálito a cansaços
Que sem qu'rer me contrista
Numa oca angústia mista...

Porque é que me entristece
Ver ao sol a cidade
Que parece se invade
De vida e ao sol se aquece
Até que se entristece?

Nunca sei porque sinto...
Mas uma angústia enorme
Rompe em mim um recinto...
Acorda o que em mim dorme
E é a dor que sempre sinto...

A mágoa inconsolada
De não ter não sei quê...
O que é que a cidade é
Que sem ser pra mim nada
Faz-me a alma inconsolada?

O que há neste alvo vulto
Que me me lembra a tristeza?
É uma vaga beleza
Que busca em mim um culto
Para a alma do seu vulto?

Não sei... Ah, triste, triste...
Tão triste ao vê-la assim
Alegre... Ruas, jardim...
As casas... Isto existe...
Com que angústia estou triste!

8-5-1915

Meu coração é uma ânfora cheia 21
Ao pé duma fonte a esperar...
Sei que ninguém a virá buscar...
(Anel de noivado caído no chão entre a areia)...

Minha tristeza é uma âncora deixada...
O navio deixou-a na areia...
O que há em mim que dói e anseia?
(Outra aliança de noivos na areia, enterrada)...

8-5-1915

Queria andar toda a vida 22
Baloçando num balouço...
Seria menos comprida
A vida que sinto e que ouço...

Bate-me o coração...
Se eu fosse pelo ar, pelo ar
No fim de balouçar...
Seria mais belo e mais são...

Up! O balouço vai alto
Ena! Lá desce — é fugir...
Escrevo estes versos a rir
A rir... pra não chorar alto...

8-5-1915

Visitámos desertos, e os lugares
Onde outrora viveram as pintadas
Capitais dos impérios solitários,
Impérios hoje só deserto e assombro.
Nossa memória antiga andou connosco
Pelos vestígios e as sepultas ruínas
Com o sentido trágico das sombras
Escrita em sua boca dolorida.
Visitámos os lívidos espaços
Donde os vestígios das cidades mortas
Olhavam para nós, órbitas ocas,
Sem os olhos da vida que viveram.
Nas nossas almas, como sobre um lago,
Passou a sombra fria da Memória
E a Morte remexeu na escuridão.

Tínhamos, entre exílios desta vida,
Um momento solene convivido
Com as antigas civilizações.
Nosso afastado ser, sonhado e vasto,
Tinha entrado nos templos e os palácios
Das cidades doutroa, e tinha visto
As cerimónias régias doutros tempos
Passar, pompas asiáticas na pompa,
Com luxos de ouro, pálios constelados
E um luzir de armas sob o sol eterno.

10-5-1915

Ninguém o foi buscar...
Morto, ficou sozinho...
O seu gesto foi no ar...
Não deixou rasto ou resto,
Que o fizessem mesquinho...
Nem lhe faltou falhar...
Mataram-o ao virar
A esquina do seu gesto...

Cresçam as flores sobre
Sua campa despida...
O céu imenso cobre
Com seu silêncio alto
Toda a campa esquecida...
A chuva simples sobre
A campa fria e podre
É o bronze — o basalto...

Quando os outros venceram
Nada nele acabou...
Quando eles se renderam
Ele não se rendeu...
Até ao fim levou
A fé que outros venderam
Aos restos que perderam
Do festim que se ergueu...

Como Buíça e Costa
Fala pelos vencidos...
Em que prado ou encosta
De que cena aldeã
Jazem hoje esquecidos
Seus ossos? A alma gosta
Da solidão imposta
À sua carne vã...

Ele foi um momento
A alma dum povo todo...
A plebe, □ vento,
A turba, que é a peste
Erguendo-a do lodo,
Vela o oculto intento
Da Raça
Tu, perdendo, venceste...

Dorme esquecido... Um dia
Acordarás em nós...
A tua sombra fria
Será astro nos céus
Da nossa (vindoura) voz...
Teu gesto aponta a via
Que será nossa um dia
E do mundo, e de Deus...

19-5-1915

25

Nuvem na eurritmia
Das fantasias flavas,
Tu, triste e inséria, lavas
De igual a luz do Dia
E a tua Nostalgia...

Leva, amor, as Aljavas
À ingrata que dizia
Que me amava... e tu estavas
Serenamente fria
Entre o esfriar de lavas...

Partem em romaria...
Descem da escadaria...

... Só o choro das escravas...

24-5-1915

Anda com a minha alma ao colo,
Como se fosse uma criança,
Uma tristeza, um desconsolo,
Um amor ao que não se alcança...

26

Em que longínqua ilha deserta
Poderei ser o rei que fui?
Ao pé de que rio que flui
Ao pé duma janela aberta?

Essas horas ao pé da água
Seriam tão consoladoras
Das tristes, lentas, tardas horas
Que florescem na minha mágoa...

Vozes de crianças nos parques...
Arcos velozes nos jardins...
Não quero, ó alma, que tu arques
Com a dor nítida dos Fins...

Quero antes que, pendente duma
Janela ao pé do rio lento,
Deixes cair teu pensamento
No rio lento sem espuma...

E assim o percas, assim vá
Por esse rio, além da vista,
À deslizada e alvar conquista
Das margens que nem ali há.

Teus brincos velhos, tua avó
Usava-os e era tão feliz...
Como o meu coração está só...
Não o acompanha o que tua voz diz.

Meus olhos vão na água vista
Sob essa janela sonhada...
Meus olhos, esse ver que dista
De mim como eu daquela estrada

Perdida que podia, ó alma,
Conduzir-me ao teu gesto lento,
E casar-me em teu pensamento
Com a longínqua e última calma.

Mares distantes, ilhas pondo
Flores e florestas no mar...
Ó grande solidão lunar
Entre as cousas que vou supondo!...

Maturadas as confidências
Que fiz um dia ao teu requinte.
Guardo minha alma por acinte
E a espada sangra entre as consciências...

24-5-1915

Tine fina ainda 28
A campainha f'rida
De que se inclina a linda
Lida de livre e ardida,

Porque vibrada, e a ida
De ela pra ali e a vinda
De seu oscilar finda
No tremular perdida.

Simultânea ferida
Da hora prolixa e infinda
Sob pálpebra descida
O olhar que a sombra alinda

E o estio em frio finda.

Quem fica a rir da advinda
Prece que dói, convida
E divide porque inda
Sobra do frio a vida?

Cicio frio... e blinda
Nossa alma a hora lida...

26-5-1915

Trouxeram-a morta, 29
Tirada da água...
Trouxeram-a morta...
Tocavam os sinos
Por toda la mágoa
De anciãos e meninos...

Trouxeram-a quatro
Seus olhos sem par
Não tinham fulgor
Trouxeram-a quatro...
Seu noivo, o alvar,
Seu irmão maior
E um que a viu achar

No rio a encontraram.
No rio a entreviram...
No rio a encontraram.
De brancuras corando...
Que sorriso brando...
Do rio a tiraram...

Sua boca era muda...
Algas seus cabelos
Sua boca era muda...
Seus olhos... só vê-los
Sonhava revê-los
Na antiga ternura
Em que eram tão belos...
No rio a encontraram
À tarde, à aventura...

Os quatro a trouxeram
Pra casa dos pais...
Os quatro a trouxeram
Chorando, chorando...
Pra casa dos pais...
Seu nome era brando
Como a dor sem ais...

Trouxeram-a morta...
Tão branca, sem par
Sua □ absorta,
Só em se deixar
Dormir assim morta...
Que importa? Que importa?
Deus há de explicar.

26-5-1915

Meu coração é uma princesa morta.
Quem a deixou?
Quem deixou entreaberta aquela porta
Onde passou?

30

Meu coração jaz sobre o régio leito
Serenos enfim...
Entrou a paz longínqua do Eleito
Dentro de mim...

A leve quasi falsa coroa doura
O vulto morto...
Ó Morte, as cousas de quem és senhora
São um cais sobre um porto...

Quero ir de mim, meu morto coração
E pertencer
A mim, à minha dor e à solidão
De nada ser...

11-6-1915

Níria I

Meus olhos foram dar às alcovas dos rios.
Teu sorriso confiado aos sorrisos mais frios
Dirá da tua dor e do seu nexo morto..
Nada há a esperar da nau que deixa o porto
E cujo rasto fica entre água vagamente
Comovida o ondular enrolado e alvo entre
Cisnes de imaginar que a água a ondear acentua
Na alma que em só ver banha-se toda nua...

Mas os cisnes, os leões e todos quantos foram
Encontrar nos corcéis os ímpetos que moram
Entre arvoredos sacudidos e espreitados
Foram reis no passado entre jaspe e pecados...

Níria, teu nome estranho, e teu sorriso Esfinge
No Egito, teu poder como um sangue que tinge
O branco essencial das clâmides entregues,
As asas de sair da hora, antes que chegues,
Os barcos a atardar a sua vinda, vendo
Que chegar é partir de não chegar, vivendo
Só na sombra da água em reflexos tigrados
Pela ansiedade fluida onde estão os sagrados...

A flauta que comove as paisagens supostas
A esta hora irrealiza as notas postas
Sobre as mesas do sonho em topázios de anéis..
O deus irreal que castigou os seus fiéis
Anuiu azular de novos céus sem fim
O mundo exterior virado para mim,
E conceder ao acaso alado dos violinos
O único prazer depois da dor dos sinos...

15-6-1915

Níria II

32

Carícia vinda da Distância...
Fervor acontecido a medo...
Ópio de Cerejas e Segredo...
Pálio de sombras e fragrância...

Teu nome mora numa piscina
Entre os pátios do meu desejo...
Nenhuma hora tem ensejo
De me amar-te, frágil e fina —

Candelabro apagado a véus
De tule e púrpura em teu dia...
Saque das cidades... Fazia
Frio à sombra irreal de Deus...

Lírio-hálito... Salmo perdido
Entre o perfume de arvoredos...
Rócio encontrado entre os segredos
Do ócio do meu atraso ido...

Nexo ora das certezas finda...
Sacrário adverso às confissões...
Teus lábios cheios de perdões
São relvas em meu sonho ainda...

Nunca me deixes, ó interrupta
Em teu escarpado desaire
De dar a cor do teu donaire
À vida e à sua □ abrupta.

Nunca escarneças lampadários
Nos meus sítios, nem gozes dar-me
Mais □ que o alado carme
Que encrepe o ouro dos sacrários...

Relíquia exposta... Verso feito
Para o auge das litánias...
Repara minhas mãos são frias
E o meu coração imperfeito...

Não sei que caminho levaste
Desde quando sonhei achar-te
E houve outonos na minha arte
Estrelas no chão onde passaste...

O abismo anda comigo e cerca
Sempre os meus passos isolados...
Ah estende-me os teus braços dados
E por eu ser morto e que me perca

Cessaram os pavões ao longe
Seus gritos foram-se entre calmas...
Teu perfil acontece às almas
E o melhor amor é de monge...

Meu coração escuta-me. Oro
E abro portas para descrever...
Ah, vem, e a noite irá descer
Sobre mim como a dor que adoro...

Abre a janela onde eu te vejo...
Acende a luz onde te cismo...
Cerca-me sempre o grande abismo...
Todo eu sou um perdido ensejo...

Florirão amanhã as rosas...
As rosas chorarão por mim...
A tarde nunca terá fim...
Salvo palavras curiosas...

Essas tu mas dirás, do poente,
Onde sempre te vejo a alma...
Cairá sobre mim a calma...
E a dor dormirá como um doente...

Por isso tece-me esplanadas
Que eu sonhe, com teus gestos brandos...
Andorinhas passam em bandos...
Todas as árias são cansadas...

Há século dezoito morto
No nosso feitio de sentir...
Deixa a tua janela abrir
Ao vago vento à tarde absorto...

De longe eu cismarei teu vulto
Quando a janela se entreabrir
Em tua casa, e o céu sorrir
O seu longínquo e alado indulto...

Não estarás aonde eu te vejo...
Não estarás em parte alguma...
Mas tocar-te-ei como uma espuma
Na praia em mim do teu desejo...

Acendo as estrelas... Desço
De um sonho sem □ alarde...
A minha alma esvai-se na tarde...
Sou aquele de que me esqueço...

E alada nota, num vago
Dado às carícias começadas...
Teu nome será as espadas
Luzindo com luzir pressago...

Depois haverá as conquistas,
A guerra, os guerreiros e as lanças...
E afinal só as tuas tranças
No infinito que de mim distas.

Séquito abandonado... Tanque...
Seco... Hora vazia... Em mim
Mande que a mágoa tenha fim
E a ferida de novo estanque.

11-7-1915

33

Em dias leves, sonolentos,
Por violentos e esbatidos
(Carícias as antigas) ventos
Contra portões adormecidos,
Perdidos gritos, sim, gemidos
Dos meros ecos friorentos.

E em congruência com a esfinge
Que de cansaço e de demora,
Sombra de abraço agora, tinge
A cor de dor fora da Hora,
Ergue olhos d'ódios, pára e chora
E o seu pranto meu espanto atinge.

Nexos sangrentos por opalas
Que um tédio-névoa em nós seduz
(Elas erram, vagas, nas salas)
E tudo se reduz a luz.
Fizeram teu gesto sem cruz
Pelo incenso que nele exalas.

15-6-1915

Sem nexo quereria as opalas e as tardes.
Por silêncio que seja as esfinges onde ardes
Só por acaso o atraso alado sonolesce
No ar alvar do luar onde a alma arrefece.
Se por encontros já destinados a estranhos
Teu nome soletrado entre vagos tamanhos
De árvores, plantas, céu conduzindo a matizes
Educados à flor de análogos países,
Porque, violino velho, antiga lenda, o lar
Perdido e o pó desola as toalhas do altar,
E, nexo tonto posto encosto ao frio novo,
A luxúria do rei nasce no olhar do Povo,
E a revolta, brandindo a coma dos archotes
Vai acordar a sombra agachada nos botes,
E enquanto os tanques longe, entre ramagens dão
O seu murmúrio friorento à escuridão,
No teu pátio de ser, extasiado em ter-te
A hora do luar acorda para ver-te,
E sempre leve, lunar sempre, alga por vezes
A rota segue ignota entre os guizos e os meses
Ora avisando abismos, ora desviando
Seu olhar de ficar entre o sussurro brando
Que século dezoito as almas entreflui
E novamente o luar no luar se dilui,
Para cegamente e entregue aos poentes mortos

34

Não haja mais visão das adagas, dos portos,
Das margens outra-vez entregues às passagens
No choro que comove as riquezas das margens...
Tal o vulto que passa entre os renques dos buxos
Tal são sorriso igual confiado aos repuxos,
Ciciado no ar, vago nos arvoredos...

E a noite para como um lago entre rochedos.

15-6-1915

35

Fluxo e refluxo eterno...
Ondulação confusa
Ao sabor dum interno
Vício de força intrusa
No giro que há nos seres.

A noite cai do espaço,
Lírios que tu colheres
Fonar-te-ão sobre o braço.

19-6-1915

36

O meu tédio não dorme.
Cansado existe em mim
Como uma dor informe
Que não tem causa ou fim...

19-6-1915

Corpo que tens divinas procedências 37
Nos teus olhos tão frios, tuas mãos
Têm súbitas, vãs condescendências
Com os vícios teus nítidos irmãos.

19-6-1915

Ah quem me dera a calma 39
De alguém me compreender e ser comigo!
Meu mais íntimo amigo
Dista de mim o infinito de duas almas

Não tenho confidente
Salvo Deus, porque ele é meu ser por dentro,
Dobro-me para o centro
Do meu ser, Deus, que me cuidaste, ausente.

24-7-1915

No halo que há em torno à hora, 41
Halo cálido agora
Que o verão pesa e estua,
Uma sombra se insinua.

Sombrio halo ligado
À sensação do passado,
Pálido halo afinal,
Névoa de vida real.

Adoeço de vida,
O halo é um elo, é perdida
Parte de mim que me dói
Porque não é e já foi.

31-7-1915

Que vinda sombra
Meu coração
Resfria e ensombra?

Que vago mal
Torna minha alma
À sombra igual?

Não sei. Que há entre
Mim e a tristeza?
Não sei, mas sempre

Meu pensamento
Adoece, sempre
Só a mim atento.

Ó brisa vaga,
Passa por mim,
Vem e embriaga

De esperança ao menos
Meus doloridos
Dias serenos.

31-7-1915

Gládio

43

A sombra de todos os luares
Nossa tristeza escureceu...
Ergue-te, gládio
E acontece-te no céu!

Com tua vinda venha Deus.
A Pátria em dor chora por ti.
Enche a manhã dos vagos céus
Do teu advento que sorri.

No teu cavalo branco vindo
Tua divina lenda traz
Realizada no advindo
Silêncio que nos quebra e traz

Tristes, doridos, sobre a Hora
Que se ergue como um cadafalso
E ao pé dele a nossa dor chora
Num choro lento e cego e falso.

31-8-1915

Luminosidade

Leve e alegre é o dia.

Há como que asas no ar.
Tudo é como a alegria
Quando vai começar.

O azul do céu, o verde
Da terra, o rio — tudo —
Sem se fundir se perde
Num vago acordo mudo.

Que gozo eu nisto tanto
Que me dói ser □ ?
Que serviu de manto
Meu o mundo em dor?

Esta alegria — vê-la
De outro modo por a ver,
Vê-la e não poder tê-la,
Dói-me só por a ver.

Ah, que alta dor dorida
Uma dor de vida calma,
Algures irmos, ida
Para onde não há minha alma...

Trémulos vincos risonhos
Na água estremeçada...
Porque fiz eu dos sonhos
A minha única vida.

13-9-1915

Saque da cidade... 46
E as estrelas frias
Estão na imensidade
Sem consciência alguma
Das guerras, e a espuma
Borda de alegrias
O branquear da praia...
Tudo nos ignora,
Tudo nos transcende.
A nossa alma chora,
Com lutas e anseios
Com guerras se prende,
E ah a paz do enleio
Consigo das trevas
Onde ó lua, nevas!

Em tempo de guerra.

23-9-1915

A Arca de Noé da minha Imperfeição 47
Acordou o Dilúvio em memórias febris
Sobre a constância em ilusão
Dos meus amparos já senis.
Flores, flores-de-lis
Na minha dispersão.

Senescem plúmbeos aguaceiros
Nas reencidências.
Tuas memórias são moleiros
Moendo o trigo das Ciências
Cavadas em rios outeiros
Meus vagos amores primeiros...

Secas as horas,
Todas vorazes...
Tu, noite, choras
E iníqua trazes
Tuas demoras...

2-10-1915

48

Cada cousa é uma morte vivendo,
Deus sabe como, Deus sabe quem...
Remota vida presente em Sendo,
Cada cousa é o que não contém...

Tudo é absurdo, Deus não é feito
Da vã matéria do pensamento,
Todo o Seu Ser é
Pensá-lo é negá-lo

2-10-1915

50

Uma árvore é Deus todo.
Tudo é o mesmo modo
De Deus ser diferente...
Todo o espaço é um ente,
Todo o intervalo é aquilo
Pra quem é intervalo
O que o ladeia a abri-lo...

Olho, movo-me, falo...
E tudo é gente e seres
Minha voz, meu olhar,
Meus gestos, os dizeres
Do que há em eu falar...

Tudo transcende tudo
E é mais real e menos do que é;
Meu pensamento é mudo
E morta a minha fé...
Não há razão ou crença,
Sentimento ou □
Da alma a quem Deus pertença
Ou onde seja visto...

2-10-1915

Quando olho para a terra
Ela cresce e se alarga...
Até que enfim me aterra...

51

Não é que o seu tamanho
Se avolume e apareça
Enorme, vago, estranho...

É que tão claro fica
O ser de cada sombra
De cada pequena cousa.

2-10-1915

Com tuas mãos piedosas
Faz gestos a sonhar,
Como quem olha rosas
E acha divino olhar,
Com tuas mãos piedosas
Faze-me repousar...

52

Sim, os teus gestos lentos,
Teus gestos suaves são
Guias que os pensamentos
Me guiam pra a ilusão
Sim, os teus gestos lentos,
Afuselando-se em perdão...

Com tão Madona arte
De existires no gesto
Juntas ao meu ser parte
Do que perde, que imerso
No teu gesto e na Madona arte
Me desencontro e cesso.

[ca. 2-10-1915]

53

Escuta-me piedosamente.
Não vale a pena amar-me não,
Mas o que o meu coração sente —
Ah, quero que te passe rente
À ideia do teu coração...

Quero que julgues que podias,
Se quisesses, amar-me. Só
Saber isso consolaria
Minha alma erma de alegria...
Ter a certeza do teu dó!...

Teu dó, o teu quasi carinho...
Qualquer sentimento por mim...
Que não me deixasse sozinho...
Eu posso construir um ninho
Com o pouco que me vem de ti...

Eu tenho de mim tanta pena
Qu'ria ao menos que tu também
Viesses ter pena serena
Não de mim ou da minha pena,
Essa pena que ninguém tem

[ca. 2-10-1915]

Acorda. Vem
Até ao mar.
As ondas têm
Um vago amar.

54

Há um calmo fim
Ao pensamento
No mar, assim
Viúvo do vento.

A hora salga
De calma a dor...
Uma e outra alga
Doem-lhe à flor...

Vem tão comigo
Por tal caminho
Que eu contigo
Me creia sozinho...

Tanto pertenças
Ao meu pensar
Que as duas presenças —
Tua e do mar —

Não sejam mais
Que a calma triste
Sem nexo ou ais
Que em mim existe...

Ah, desejar!
Amar, sofrer!
Eu, tu e o mar...
Como dói ser!

Vem ajudar
Meu pensamento
A dispersar
P'lo mar sem vento.

[ca. 2-10-1915]

55

É interior à minha mágoa
A alegria do dia claro...
Oh nudez trémula da água...

Porque me sinto eu desolado
De haver tanta calma e alegria
E nenhuma em meu ser cansado...

Acaso não me bastaria
Olhar a alegria da terra
E ser alegre com o dia?

Ah, ensina-me, ó Natureza,
A dar minha alma inteiramente
À calma da tua beleza

A não ter alma salvo a hora
A pertencer-te, ampla alma rente
À tua alma geradora.

Qualquer cousa que não seja esta
Agonia do pensamento
Que é o que do meu ser me resta...

Sopra, sopra, sopra, vento...
Grande invisível alma em festa...
Que há entre mim e o momento?

3-10-1915

Na Grande Ilha ao centro de Ser
Por sobre o mar de Pensamento
Um sopro divino vem ter...

56

De que paragens vem trazer
Aquele aroma nevoento?
De que longínquas terras essa
Confusa sombra de ruídos
Que de noite, ao luar atravessa
Até às praias dos sentidos?

Ah, nesta eterna solidão
Como as nossas almas estão
Com essa outra terra vista
Só nos sonhos que a brisa traz
Nos seus sons vagos, e que dista
Tanto desconhecido de onde
Nosso Universo, ilha, jaz?
Deus é o céu que cobre esse □
O que é a Terra que Ele nos esconde?...

3-10-1915

57

No claro dia, agora
Frente a frente, ó minh'álma,
Leiamos nossa sina...
Vejamos ante Deus quem somos, ora
Olhando esta extensão do rio calma,
Ora a nossa alma □ e divina...

Façamos pelo pensamento
A nós uma revelação...
Apocalipse de sombra, exposto ao vento,
Da nossa indecisão.

[ca. 3-10-1915]

59

A Revolução

Ruge a alegria da revolta
Nas nossas ruas comovidas...
De quando em quando o canhão solta
As ocas vozes desmedidas...

O crebro e acre estralejar
Da nítida fuzilaria
Ocupa as curvas do ar
Com a sua certeza fria...

Cai a noite, mas continua
Na incerta inclinação da hora
A voz dos tiros, coisa nua
No ouvido que conhece e ignora —

Uma febre ligeira toma
Os nervos deslocadamente...
Cada minuto ao longe assoma
Em solidão à alma ausente...

Que querem todos? Nada... Um palmo
De ilusão mais sobre nuvens belas...
E cobre tudo, alheio e calmo
O céu, tão plácido de estrelas.

4-10-1915

Pescador do mar alto,
Deus te dê boa pesca!
Tu estás com tua tarefa
E eu a tudo falto...
Pescador
O que és tu para seres mais feliz do que eu?

60

Tens a alma guardada
No cofre da inconsciência...
E a lúcida inocência
Que vem de não ser nada...
Teu caminho na vida
É claro e a estrada que tu segues definida.

Vais só até à morte...
Corres os riscos teus
Menos fiando em Deus
Do que em tua sorte...
Esta é a verdade. O resto
Não importa... Eu porque é que te não detesto?

Meu Deus! ter-te por alma!
Não ser inteiramente
Mais que tu realmente.
Que benévola calma
Para com o meu ser...
Assim... Olho-te e não sei o que eu hei de dizer...

Teu barco alça a vela...
Segues pelo mar fora...
Deus te dê boa hora
E uma amiga estrela!
Sabe sempre ficar
Ignorante, audaz, livre, alegre e ligeiro como o mar

Olha. Eu tenho a alma alta
E o pensamento atento...
Sofro do pensamento
E a alma em falta
Por isso invejo o teu
Sono da vida ativa sob o infinito céu.

Ah, como o mar te mete
O ar claro nos pulmões,
Às minhas ilusões,
Ó meu □, promete
Não seres mais do que és
E eu poderia, cantando-te, sentir-me-te uma vez.

24-10-1915

Ave, teu voo leve
Antes de aqui esteve
Com o melhor de mim.
Numa vida sem fim
Passou diante do meu
Sossego sob o céu
O teu voo anterior
À vida e ao gozo e à dor.
O teu voo de agora,

Dentro do espaço e da hora,
É a cópia imperfeita
Daquela forma eleita
De ir que em ti havia
Quando nada existia.

Ensina-me o sentido
Da vida, como o olvido
Das cousas que há na terra
Se perde no ar, e a guerra
De pensar com querer
Cessa sem se saber.
Ensina-me por dentro
Como alar-me do centro
Da matéria incompleta,
Como uma asa ou uma seta
Para os longes do ser
Onde não há viver
Salvo uma indefinida
Asa — por sobre a vida

31-10-1915

Escrevo, e sei que a minha obra é má.
Não farei aquilo que hoje quero.
Se penso nisto, desespero
E não sei para onde vá
O tédio que comigo está.
Ave, pausa, passa...
Tudo me ultrapassa...

64

[ca. 31-10-1915]

65

Senhor, meu passo está no Limiar
Da Tua Porta.
Faze-me humilde ante o que vou legar...
Meu mero ser que importa?

Sombra de Ti aos meus pés tens, desenho
De Ti em mim,
Faze que eu seja o claro e humilde engenho
Que revela o teu Fim.

Depois, ou morte ou sombra o que aconteça
Que fique — aqui,
Esta obra que é Tua e em mim começa
E acaba em Ti

Sinto que leva ao mar Teu Rio fundo
— Verdade e Lei —
O resto sou só eu e o ermo mundo...
E o que revelarei.

A névoa sobe do alto da montanha
E ergue-se à luz.
O claro cimo que a Tua luz banha
Serenos, claro e a flux

Eu quero ser a névoa que se ergue
Para Te ver
A humanidade sofredora e cega...
O resto é apenas ser...

15 e 16-11-1915

O barco abandonado

67

O esforço é doloroso...
Deixemo-nos ir
Pelo mundo ocioso
Como que a sorrir...

Numa incerta mágoa,
Num sem querer mudo,
Sigamos como a água
Que reflete tudo...

De que serve a vida?
Para quê a dor?
O bom sol convida
A um feliz torpor...

Vamos indo, indo,
Sem se definir
Ao nosso □ infindo
Pra onde queremos ir...

Lá iremos ter...
Lá — parte nenhuma...
Vida que viver...
Sussurro de espuma...

Mágoa incerta e vasta,
Céu azul e claro...
Como a dor contrasta
Com o ócio em que paro...

Que quero eu dizer
Com a minha vida?
Sobre eu não o saber
Leve a alma dormida

Estiole em sossego,
Feneça ao afago
Duma brisa ao cego
Silêncio dum lago.

Pra além do momento
Há todo o céu fundo,
E o movimento
Do abstrato mundo.

Que importa? Nas águas
Quando se reflete
O vagar das fráguas,
Nada se promete...

Tudo é como é
Sem que seja nada...
Quem me dera a fé
E o sol sobre a estrada!

O rio não tem ponte.
A alma não tem cor...
O sol que desponte
Mas nunca o amor...

Grácil, fugidia
Demora da vida
Na tristeza fria
Que a faz comovida...

O sonho em botão,
A dor em acerto
Com a conclusão
Do mistério incerto.

Palavras perdidas...
Acasos da alma
Quem me dera a calma
E as horas idas!

12-12-1915

Brise marine

68

Eu quero, ó Vida, que tu acabes
Sem eu acabar...
Há uma ilha verde, meu amor, sabes,
Lá ao fim do mar..

De ali nós vemos ao largo as velas
Como esquecendo
E as mãos não sabem já das capelas
Que estão tecendo.

Ali as sombras onde ardem sós
Dourados pomos,
E a voz do mar sempre chora em nós
O que nós não fomos.

Aquilo que era os gnomos e as fadas
Já em nós não há...
Todas as princesas de todas as baladas
Morreram já...

Cruza os teus braços sobre o teu seio,
Esquece-me e vê
Só a ilha de verdes encostas no meio
Desse mar, que é

Todos os sonhos e todas as mágoas
Sem que haja a vida...
Ah a ilha verde sorrindo às águas...
E o sonho e a ida...

21-12-1915

69

Nonsense verses

Tenho febre e as horas são longas...
Chora alguém no meu limiar...
Um verão morto... Estagna o ar...
Tuas mãos hoje são mais longas...

Mais longas, mais brancas, mais no ar
Menos tuas no ar demorado...
Vem uma brisa do passado...
Não muda a morte do ar...

[1915]

70

Dia de verão

Assim que a noite as suas longas
Tranças encosta ao nosso olhar,
Deixa de novo despertar
A vida das tuas mãos longas...

Hora em surdina incompleta, ar
Como uma haste partida, alongas
Meus olhos por tuas mãos longas
E sente-se a Hora parar...

A doença de se cansar
Em nós o como ter agrado
Por tuas mãos longas e o lado
Que elas não deixam ver do ar...

Mãos longas e mais longo o ar...

[1915]

Ela era rainha destronada...
Vivia no jardim dum palácio sempre à hora do poente.
(Assim eu a via, se fechava os olhos e estava triste).
O seu desterro estava cheio de sonhos e de flores.
Mas o próprio jardim era antiquíssimo, amarelado,
Pálido como □
Era ali que a rainha passava os seus poentes sem dia.
E tudo isto num reino que nunca houve.
Não... Era mais longe do que isso...

71

Estou defronte do espelho e não consigo
Compenetrar-me da minha realidade definitiva.
Olho-me, e o estrangeiro que está diante de mim
Chegou dum país do outro lado do espelho,
E quando anda em direção a mim não anda no espaço...
Fecho os olhos, fito o espelho... O estrangeiro desapareceu...

A tua voz reflete na minha ideia de espelhos
Alcovas ao crepúsculo...
Falas de não sei que tristezas... A tua voz é plana
Vertical à minha espiritualidade que te não ouve...
E a mão com que se aparta o reposteiro não pertence
À imperfeição das mãos que apertam as nossas no mundo...

Sombras das árvores...
Perfume das flores...
Riso frio dos rios...
Fecho os olhos e a vida
Cai do meu pensamento
Como uma cousa pesada na água
Que chega e se afunda...

Estendo a mão na noite.
Não encontro o que procuro.
Mas eu não procurava nada.
Estendi a mão para ver se estendendo-a ao acaso,
Alguma cousa de Deus vinha ter com o meu gesto,
Com o meu gesto triste que implora auxílio na noite...
Mas Deus está dentro do meu gesto como numa caixa de □
E não me pode tocar e confortar-me da alma.

É alta noite e há na rua passos de duas pessoas
Que passeiam juntas.
O som dos passos é o de quem volta para casa.
Oíço falar as duas pessoas. São dois homens.
Oíço-os contar toda a tristeza da vida. Ah que angústia!
Mas os homens que passam na rua não trocaram palavra.
Não ouvi mais que os seus passos, e as suas vozes era isso.
A tristeza dos passos na noite, nas ruas desertas.
É uma outra cidade, numa outra época, hoje...

[1915]

Hoje estou triste como alguém que quer chorar

E já não sabe na alma

Como é que com olhos se chora...

Entre mim e o sol plácido da calma

Nuvens sinto passar.

Rápidos tédios sobre o chão da Hora...

Não sei quem sou perdidamente.

Há alamedas de jardins vetustos

Naquela angústia com que quero o ausente...

Ser, tempo, cor das cousas, que me arranque

Desta monotonia sem arbustos

Na vida, nem buxo calmo, nem som do tanque...

O século dezoito que havia em mim,

Pelo menos em lágrimas, passou

Com um ruído de cetim...

No ar de Pompadour já triste

Do teu imaginado vulto errou

Do meu presente o mal que em mim existe...

Meu corpo pesa no meu pensamento

De nunca deslocar-me até à alma

E ter sempre o momento

Aqui, eterno em quanto dura...

Não haver *villa* de romana calma

Por estradas atingíveis de amargura...

O sol hoje acordou como um disfarce

Da natureza do meu triste amor

Por tudo quanto passou

E eu vejo como se nunca passasse

Mas ele passa, e tem no gesto a cor

Das cousas vistas na alma irreal que sou.

Não deixes, minha sombra amarelada
De branco, bruxuleante
Na hera do teu jardim, de esta ciciada
Dança erma e elegante
Das palavras trocadas em disfarce
Dum pensamento vago que atravessa
As salas que estão diante...
Deixa que a brisa como um cisne passe
No lago da visão que cessa.

5-3-1916

73A

Um pouco o inocente, um pouco o antigo, um pouco
Só o desejado
E há danças longe de onde eu vejo, e perto
De onde vi, errado meu passado
Que não tive, desperto...
Músicas, tocando num calmo serão louco,
Choram o seu inquieto agrado.

5-3-1916

76

Coa-se através da minh'alma
Como através dum vitral
Toda a agonia voluptuosa e incerta
De uma outra espécie de alma, mais jóia, mais pálio,
Gêmea da minha, mas com Deus de permeio...

Cai sobre as mãos que alongo
— Olho-as distraidamente e ignoro —
Sobre o livro indecisamente lido
Parte da luz coada pelo vitral em febre,

E a cor que estagna nas minhas mãos dói-me nos olhos
Por um esquecimento corpo análogo a sombras...

Entretanto, não há a igreja, nem a solidão fria e ampla,
Nem o resto do incenso que faz tremer,
Nem a consciência de haver o altar pesando na alma...
Não; só o vitral e tudo isto através dele...

De aí a febre que, como uma antecâmara de templo secreto,
De templo para cultos inversos,
Me enche de possibilidades coloridas de novos sentidos
A vista e o ouvido e o olfato tendo só a vista...

Passos...

13-4-1916

Tenho um segredo que nem eu próprio conheço...
Data de almas minhas anteriores à atual...
Outras paisagens sugerem-se através das janelas
E a hora visível recua até ao fundo
Do meu ser e intercala-se
Uma ideia de mim entre compreender e olhar...

77

Tenho um segredo que o Tempo não inclui,
Nem a Vida, nem a sombra nos vales
Chamada sentir, nem as palmeiras do sonho,
Não — nem o teu gesto lento de enfado
Escrito ainda mole nas pregas da tua túnica
(Tudo com sombrias águas ao fundo).
Em torno ao meu sono falso ou profundo eu circulo
E a voz do encantador afastando-me de agir...

Murmúrio das águas...
Humidade das pedras...
Nitidez sem arestas dos rochedos...
O segredo disto tudo é outras eras...
O sentido para que tudo isto se inclina espelha-se no infinito...
E a vida que vivi em tudo isto, o que sofri e amei
Antes do Tempo, parece hoje isto assim ser meu de longe,
É a bailadeira ao canto esperando a vez da dança
Árabe e com a luz da porta oblíqua sobre os ombros.

13-4-1916

78 Movem nossos braços outros braços que os nossos,
Falam na nossa boca lábios que não nos pertencem
Não somos agentes; nós somos ações — os destroços
De gestos apenas metade neste mundo em que a vida
Passa como um cortejo em que os olhos de Deus pensem
E entre ele e o cortejo pensado há quem age esta lida.

Somos cartas mandadas de espírito para espírito na treva.
Quebrada a ponte, nós somos a ponte, e isso é falso...
Farrapos das intenções dos anjos que a terra leva
E ao alto de cada alma nossa ergue-se um cadafalso...

Tudo isso se passa entre Deus e o ser que não temos
E no intervalo chora o som da ida nos remos.

27-4-1916

80 Não sei, ama, onde era,
Nunca o saberei...
Sei que era primavera
E o jardim do rei...
(Filha, quem o soubera!...)

Que azul tão azul tinha
Ali o azul do céu!
Se eu não era a rainha,
Porque era tudo meu?
(Filha, quem o adivinha?)

E o jardim tinha flores
(Já nem me sei lembrar!)
Flores de tantas cores...
Penso e fico a chorar...
(Filha, os sonhos são dores...)

Qualquer dia viria
Qualquer cousa a fazer
De aquela alegria
Mais alegria nascer
(Filha, o resto é morrer...)

Conta-me contos, ama...
Todos os contos são
Esse dia, e jardim e a dama
Que eu fui nessa solidão...

23-5-1916

Fecho os olhos, medito
E, se invoco, revivo
Um momento meu ser é infinito
No intervalo entre mim e o que fui
Depois estagno, e o meu ser morto e esquivo
Rio vasto por mim flui.

82

[ante 3-6-1916]

84

Às vezes, quando cismo, e incerto vou
Através do meu ser em confusão
Procuro ver, sentir, sem olhos ler
Na minha consciência a alvorecer
De que anterior Presença humana sou
A reencarnação.

Então, aos olhos com que sonho olhando,
Meu próprio vulto outro se ergue, e eu sei
Que fui, num grande ocase de □ gentes
Entre sonhos nas almas confluentes
Alguém com gesto e mando,
Imperador ou rei.

Triste, profundamente triste, calmo
Sim, calmo como a morte, eu quis fazer
Com que em não sei que terra revivesse
Um belo culto morto, a incerta messe.

3-6-1916

85

Num país sem nome
Vive quem me espera.
Sabe a primavera
Na dor que me come.

Num país sem sítio
Salvo eu querê-lo ter
Vive quem me quer.
Meu tédio permite-o.

Num país sem meio
De a gente lá ir..
Ó noite a florir,
Toma-me ao teu seio!

14-6-1916

A noite vai alta. 86
O céu é azul.
Quem me falta?

Ó vento do sul
Inunda de calma
Meu corpo até à alma.

Espera-me alguém,
Ó vento furtivo?
Não sei. Vulto esquivo,
Fecho os olhos. Vem!

14-6-1916

Tange a tua flauta, pastor. Esta tarde 87
Pertence à dor, à tua dor que em mim arde.

Tange por isso pastor, a tua flauta a tremer.
Tange, tange, para que eu me não sinta sofrer.

Leve, um vento antigo passa entre ti e mim.
Leve, o vento regressa, e a música está no fim.

Mas nunca haverá fim ou música em meu tormento.
Tange outra vez a flauta, pastor. Deixa o vento

Estar entre ti e mim outra vez, como a sombra triste
Que está na tua alma, e na minha alma, e não existe.

14-6-1916

88

O mar.
O céu.
Chorar
E eu.

O céu.
O mar.
Quem me deu
Chorar?

Tudo passa.
Cansa.

14-6-1916

89

1

A do xale vago chegou à janela.
A noite lá fora não era cousa nenhuma.
Todo o silêncio estava preso pela proa ao único inseto remotamente estrídulo.
Ela ajustou o seu gesto na sombra de encontro ao coração
E ter amado fez-lhe pena com a testa de encontro à vidraça.
E por detrás dela o silêncio do porto também espera em vão.

2

A casaria de Lisboa vem por ali abaixo em degraus
E pára à beira da minha emoção.
A minha emoção chama-se o Tejo.
Há ondas no fundo da minha emoção e na superfície do Tejo

24-6-1916

Nada nos faça dor, 90
Nada nos canse o olhar,
Vivamos no torpor
De observar e ignorar.

Com o vago pensamento
De ir indo na corrente
Vivamos o momento
Irresponsavelmente.

27-6-1916

As sete salas do palácio abandonado

91

I

A sala das piscinas silenciosas

«Fui outrora, a janelas para longe,
A princesa sonhada dos poetas...
Desenhou-me em recato um triste monge
Num livro bege de grandes letras pretas...

Desenhou-me profana e irreal
E depois, vendo quem me desenhara,
Alterou minha forma original
Para uma santa anónima e preclara.

E eu hoje num missal sou meu disfarce...
Rezam meus olhos sem que eu reze ali...
Ninguém suspeita em minha triste face
A princesa de outrora que sorri...

Assim, ao lado de orações latinas,
Falsa passo a irreal vida em que não estou
E espero a hora em que Deus leia as sinas
E torne a mim a Princesa que sou.»

II

A sala dos reposteiros negros

Não sei onde, encontrei por um caminho,
Numa floresta longe do passado
Cavaleiros errantes dum condado
Que de país nenhum era vizinho...

Vi-os passar, e havia nos seus gestos
(Conversavam longínqua e tristemente)
O fim da minha vida lenta e doente
E a minha sorte morta entre doestos...

Passaram, e eu fiquei pelo invisível
Caminho atrás de árvores e ruídos,
Como um ser consciente e sem sentidos...
Uma alma que sente e é insensível

Fiquei — e ao longe as vozes continuaram
Contando vaga história comprida
Que, pelo som das vozes, era a minha...
Quem sou eu? Eles sabem — e passaram...

III

A sala do trono carcomido

Lembro-me, mas não me parece vê-lo,
O castelo que havia ao pé da praia...
Eu descia do vulto do castelo
E vinha ver o mar chegar-me à saia...

As garras rápidas da espuma, os gestos
Que me agarravam, musicais e chiando,
Davam-me pensamentos desonestos
De ir para longe e de viver cantando...

E nunca foi mais dias minha vida...
Nunca me aconteceu mais do que o mar...
Agora choro a solidão perdida
E tenho pena de quem tem de amar,

Agora sou aquela que é esquecida
E todos querem, mas em vão, lembrar...

IV

Sala dos leões de bronze

Todos os dias me passava à porta
Silencioso, o vulto do mendigo...
E isto era à hora anoitecida e morta
Em que arrefece o ondular do trigo...

E pela porta o eterno caminhante
Parecendo outro mas com mesma forma
Passava sempre... E essa era o inquieto instante
Em que a face das cousas se transforma...

Mas eu nunca ao mendigo perguntava
Nem perguntava a nada, a sós comigo
O anónimo segredo que passava
Na veste e na passagem do mendigo.

E à porta sempre aberta a estrada eterna
Seria o repetido caminhante

V

A sala sempre fechada

Escuto vozes na noite desfeitas...
São vagabundos nas encruzilhadas...
Combinam cursos... Frases imperfeitas
Boiam na hora cheia de fachadas...

Depois um riso vem na noite... assoma
Ao meu ouvido como a uma janela...
E eu tremo e choro porque □

VI

Entre ciprestes, sob um luar sem luz,
Por uma estrada que pra lá conduz
O frio som dos próprios passos, tendo
O som de alheios passos mais contendo
Do que passos e outro alguém a tê-los,
E entre cruces e lajes e nos gelos
Dos pólos da concisa sensação...
E não tiveram dela compaixão...
E ela morreu entre o choro das aias
E tendo semelhanças com as praias
Nas ondas do seu vago olhar de verde...
Silêncio... A vida é um sentido que se perde.

VII

Sob pálios de solenes procissões
Há muito tempo, há mais tempo que tudo,
Num desfile, de hierárquicas visões
Passou Aquele cujo nome é mudo...

Sob cada pálio Ele... Repetida
Presença que era muitos e só um...
E isto passava-se não numa vida
E o horror disto era um horror nenhum...

Deus tinha medo dele... Só sei isto...
Fé após fé, os deuses destronou...
Foi quem fez matar Deus em Jesus Cristo...
Mas o que é ele ao mundo?... E eu quem lhe sou?

FIM

Sala após sala, todas as salas percorro,
A gritar de horror
E atrás de um espectro que não vejo nem sinto corro
E no meu terror
No centro mesmo do terror meu
Há uma eça amada
E que cadáver? A terra e o céu
No seu olhar nada...
E a cena toda! O poder velado!
A hóstia no chão
O altar pirâmide agora e ao lado

[Junho 1916]

A minha alma é um horário de comboios
Mas de há 3 anos, e não serve já
Pra minha vida prática d'hoje. Há
Descrenças a cada hora

92

[ca. 11-6-1916]

Análogo

96

Junta as mãos e reza...
Há no ar rezares...
Sinto a alma presa
Do que tu pensares...

Não há a capela.
Mas há a paz de crer-te
Só rezando nela
É eu sonhar-te: e é ver-te...

Nada disto é certo...
Sorris
E pairam perto
Nuvens de perfis...

Todos desconheço
Todos amo...
Na bruma me esqueço
E por mim chamo...

Mas cessou o canto
Que me fez sonhar
Este encanto...
Deixa-me não te achar...

24-7-1916

98

Há uma vaga mágoa
No meu coração...
Como que um som de água
Suma solidão...
Um som ténue de água...

Memoro o que, morto,
Ainda vive em mim...
Memoro-o, absorto
Num sonho sem fim,
Estéril e absorto.

Será que me basta
Esta vida em vão?
Que nada se afasta
Da sua solidão...
Nem de mim me afasta?

Não sei. Sofro o acaso
Da mágoa em meu ser...
Cismo, há em mim o acaso
Do que quis viver —
Sempre só o acaso.

25-7-1916

99

Ó mera brancura
Do luar que se esfolha,
Ó rio da alvura
Do luar que te molha —

Montanhas que ao longe
Não têm um grito,
Todas um só monge
No claustro infinito —

Murmúrio das águas
Que ao luar que as não vê
É sombra, sem mágoas,
Macieza que é

A alma da noite,
A sombra do luar...
Ó nunca eu me afoite
Até não sonhar!...

25-7-1916

Corre aos meus pés o rio.
As árvores revelam-se.
E em toda a parte há flores.
Como elas deixo vir
As horas ter comigo,
Sem sono, nem desvelo,
E deixando a natureza
Tornar-me como um sonho.

100

O silêncio é dos deuses.
Passam nossas palavras,
Morrendo no ar o seu eco.
Quem nos ouvir esquece.
Só a calma e calada
Admiração das cousas,
Por nunca ter querido
Ser qualquer cousa, é tudo.

10-8-1916

101

Rondam às vezes o meu espírito desprevenido
Vagas presenças, visíveis algumas, outras que eu ouço,
Vagos rostos desconhecidos,
Vozes várias dizendo frases imperfeitas,
Entes sem relação com a minha relação com a vida.
Não estão em meus sonhos,
E não são do mundo...
São, não sei como, intermédios,
São mais visíveis que as figuras do sonho
E menos reais que as figuras do mundo.
Habitam o entorno
Do meu espírito localizado no meu corpo,
E quando os vejo vejo-os como se os visse na vida
Mas como se fora sonho.
E quando os ouço, ouço-lhes as vozes vindas de fora
Mas dentro de mim.
Sei que o não sonho
Porque os não quero,
Sei que os não encontro no mundo
Porque são mais segredos para mim
Que as figuras da vida.

Flutua, mal demora...
O encontro em que os vejo.
Não acabam a frase
Que os ouço pronunciar...
Sua presença passa pelo meu ser
Numa direção diversa da da realidade
Retangularmente a todas as 3 dimensões do mundo.

Transparecem, começam
Onde tudo acaba
Não na circunferência mas no centro...
Não sei onde estou
Quando eles me aparecem...

Não sei com que olhos vejo,
Ou com que ouvidos ouço
Seus rostos e suas vozes
Que não vejo, mas vejo,
Que não ouço, mas ouço,
Que não sonho, nem lembro
Que não sou eu, nem outro...
Quando acendo as luzes
Eles tateiam na mesma sombra;
Quando apago as luzes,
Eles prosseguem na mesma luz;
Quando me volto vejo-os
No mesmo lugar onde estavam
Quando os não quero ver
Vejo-os da mesma maneira...

Tenho a alma neste espaço
Além de neste espaço
Do mundo.
Tenho sentidos feitos
Com a matéria destes
Com a noção de ver
Com o conceito de ouvir...
Mas não ver, nem ouvir
Mas outra coisa a mesma
Em outros planos.

O muro à roda de compreender
Torna-se transparente
Quando essas sombras vêm,
Mas não estão para além do muro,
Nem aquém dele.
Interseccionam-se, não com ele,
Mas com ele existir..
Cortam-o em diagonal,

Sem que ele tenha nada
De ser cortado em diagonal...
Sobe pela descida abaixo
De eu ser contemplado,
Da minha atenção posta
Em ângulos de mim.

Tudo é um lago em mim
De uma terra sem posição
Mesmo de cercar um lago...
E todo o mundo não está
Senão como que refletido
À superfície das águas
Do lago calado...
Só ali... Mais abaixo
É já outra cousa diferente...
Acima — não há o mundo
Que se reflete nas águas

Tudo é um intermédio
De cousa nenhuma...
Tudo consiste em não consistir.

Não cabe noite, nem há dia
Em tudo isto...
Não ha consciência do lado de cá
Nem exterior do lado de lá...
Fora e dentro é o mesmo
E absolutamente indiferente.
Eu começo onde acabo
E Deus está de permeio.

17-9-1916

Onde ides vós, deixando por colher 102
As flores dos caminhos que trilhai,
Sem que o frescor da relva vos encante
Ou vos chamem os sussurros e brandos ais
Da fonte copiosa?
Aonde ides vós, ninfas, sem ver
No prado ou bosque escuro ou vala hiante
A açucena real ou certa rosa?
Aonde ides vós que sem saber seguis
O destino sem norte
Dos vossos passos, que de vós não são?
Aonde ides que na fresca aurora is
Ao ocaso da incerta e inútil sorte
Da vossa confiada indecisão?

4-10-1916

Pela tarde de outono onde o verão 103
Deixou rastos ainda, e a escuridão
É de fogo já baço no horizonte...
Por esta tarde onde indecisamente
O vento vago paira como insonte
Da sua vinda morna e □,

Por esta tarde sem esperanças meço
Todo o vácuo exterior da minha vida,
E eu, que nada quero e nada peço,
Eu, a quem nada traz a dolorida
Felicidade da renúncia, ou a hora
Sentidamente diferida
Mas sempre tida como precursora —

Meço todo este vácuo que sou eu
E, sem pasmo, nem mesmo angústia, olho
Meu ser que não sei onde se perdeu
Que sem felicidade ou indústria colho
Os dias casuais que a Dor me deu...

5-10-1916

105

Crepúsculo em Deus

Sol não as alumia...
Vastas extensões
Territórios no ar...
Trémulos clarões
De haver terra e mar...

Nenhum lugar foge
A estar onde está...
Jaz ao Sul o Norte...
Boia entre ele e a sorte
Uma fluidez má...

Anda no intervalo,
Como na descida,
Vácuo do desvão,
Sombra dividida,
A minha atenção...

E nem morte ou pasmo,
Seguiu céu sem fim,
O raso atro halo
Boia no intervalo
Entre mim e mim.

11-10-1916

No ardor que não dista 106
Mais que a voz e o braço
 Da conquista,
No ardor que antecede
 A sede
Do novo espaço...

No maior acaso,
No indeciso
Sol no seu ocaso
 No piso
Do nodoso atraso.

[ca. 11-10-1916]

Mas a Noite e o Silêncio continuaram 109
A cercá-lo de frio e de tristeza
E então, em renovada prece aos surdos
Abismos de arredor, ele falou:
«Dizei ao menos, ó presenças vagas
Com que o mistério veste o corpo seu,
Paisagem de vislumbre e encantamento,
Abstratas negações da tângil terra,
Que fim dareis um dia ao meu tormento?
Que destino me espera ao caminho
Que os vales do ignoto, ladeando,
Alargam, e que a vista não conhece?...

6-11-1916

Longe das cinco partes desta terra
 Na incerta distância onde caminhos
 Não levam, donde viandante ou □
 Jamais, contente, volta, e onde não chega
 A forma de viver que anima o mundo —
 Ali, no seu sequestro de alheado
 Das cousas, filho órfão do silêncio,
 Sob as árvores largas, nas vertentes
 De melhores outeiros de que os nossos,
 Passas, Hipérion, a exilada vida.
 Outra Terra era esta quando o teu
 Carro, de Apolo hoje, contornava
 Na diurna carreira a esfera, e as Horas
 Tuas escravas eram no horizonte.
 Hoje, no vão desterro, na amargura
 Da saudade imensa de ti próprio
 Qual foras, passas, entre rios ledos
 Não leda vida, e a forma do teu corpo
 Inerte jaz nos vales ou nos prados
 Irrégia.

Dia a dia dos que há hoje
 O círculo monótono das horas
 Uma mais triste morte põe em tudo —
 Não em ti, o imortal, a quem Plutão
 Jamais terá, nem aos arbítrios dado
 De Minos ou de Radamanto. As flores
 Do fresco e obscuro vale onde enlanguesces
 Não dão grinaldas para os aios teus.
 A titânica prole abandonada
 Do que é mais velho do que a Noite e o Caos
 E abstrato e ausente rege o quente mundo.

[ca. 6-11-1916]

Xerazade

O que eu penso não sei, e é alegria
Pensá-lo, nada sou, salvo a harmonia
Interior entre existir e ouvir
A música contar-te e dissuadir
Da vida, e desta inútil atenção
Ao útil dada, morta sensação
Real, passada,
E à minha morte inutilmente dada.

O rio era por cidades mortas...
Às suas negras e esquecidas portas
A noite estava contra os sentinelas...
De luz, sobre o rio, eram janelas
E o silêncio era o resto. Nunca ouvi
Voz suave e doce que não soasse a ti
Nem menos me trouxesse do que és.
O rio ia, e eu tinha sob os pés
Imaterial, a paisagem sem forma
Em que esta melodia te transforma...
Pompa de pompas, divino posto
Contra lembrar-te, fúnebre ante-gosto
Em salas da eça posta contra a idade
Em que eu te tinha. Pálida, a cidade
Ao luar, na sombra nítida acentua
Seu caminho subtil
Onde aos jasmins do jardim dado a abril
Desce a sombra de ninfa e ali flutua.

26-11-1916

Impossível visão
Cujos rastros estremecem
Dentro em meu coração,
Vens como a sombra desce
Vejo-te, e o mundo é vão...

Apenas te pressinto;
Nunca te pensei ver;
Mas o halo do que sinto
É feito do teu ser.
Vires é o amanhecer.

Nada te espera em mim.
Passas, e eu sou distante
As mágoas sentem fim,
A ambição vigilante
Dorme no teu jardim.

Não te busco sentido.
Não mo busco também.
Hálito, alor, gemido,
Vã sombra dum vão bem,
Hora que ninguém tem,

Aparência que adoro
Por só essa te julgar,
Faze com que o que eu choro
Não me faça chorar
Mas apenas sonhar...

Ténue sopro, palor
Da sombra perfumada...
Eu te amo e sem torpor
De ter amor a ti, que é nada,
Seja o meu amor

Cria em mim não obter-te
Sem angústias nem ais...
Basta a ilusão de ver-te,
Baste não seres mais,
Do que a mágoa com que vais.

14-1-1917

Eu irei contigo, na hora batel de flores,
Pelo rio improfícuo de nos sentirmos viver,
Sem remos nem alarde ao acaso das cores
Que o poente pinta no incerto rio, perder

119

O sentimento preciso da contingência das cousas,
A líquida confusão de viver com sentir,
E tudo isso será uma ilha cheia de rosas
A meio do rio, ensombrando o barco passando rente, a delir

A sua forma na água e na tarde. Iremos
Para a dissimulação magoada onde o rio alarga
E cansa vagamente não termos vela nem remos,
Nem um destino pensado para alívio da hora amarga.

Tudo isto se terá passado quando chegarmos, no escuro,
À vida, onde outra coisa que nós nos acontece,
Nas áleas de labirinto por onde à terra desce
O guarda do Vale das Névoas e da Porta no Muro.

10-2-1917

120 Na sombra e no frio da noite os meus sonhos jazem.
Um frio maior cresce do abismo, e decrece.
Toca-me o coração de dentro a Mão que conhece.
As estrelas sobem. Por cima de mim se desfazem.
Ah de que serve o sonho? O que acontece
Não é o que nós queremos, mas o que os Deuses fazem.

O silêncio oscila. Na inércia da hora paira
Um murmúrio ansioso da sombra.

A minha vontade é um ato alheio, um gesto visível
A olhos para quem o mundo visível é o que nós não vemos.

De que braço é todo o meu ser um só gesto abstrato.
Que movimentos no ar são as minhas ações queridas?
Falta ao meu senso de mim um ajuste e um tato.

Jaz no chão com meus sonhos a cinza de todas as vidas.

10-2-1917

121 O mundo rui a meu redor, escombros a escombros.
Os meus sentidos oscilam, bandeira rota ao vento.
Que sombra de que sol enche de frio e de assombro
A estrada vazia do conseguimento?

Busca um porto longe uma nau desconhecida
E esse é todo o sentido da minha vida.

Por um mar azul noturno, estrelado no fundo
Segue a sua rota a nau exterior ao mundo.

Mas o sentido de tudo está fechado no pasmo
Que exala a chama negra que acende em meu entusiasmo

Súbitas confissões de outro que eu fui outrora
Antes da Vida, e viu Deus, e eu não o sou agora.

10-2-1917

Eram três filhas de rei.
A hora é de prata.
No palácio no Norte
Tinham a mesma sorte.

123

Uma era loura e leve.
Outra era loura e alta.
Outra era como um rio
Que corre ao longe macio.

Eram três filhas de rei.
Nenhum príncipe veio.
Eram três velhas perdidas
A sonhar as suas vidas.

Deus as guarde na morte.
Eram três filhas de rei.
Deus as guarde na morte
No palácio no Norte.

Eram três filhas de rei.
Quem elas eram não sei.

12-2-1917

125 Um piano na minha rua...
Crianças a brincar...
O sol do domingo e a sua
Alegria a doirar...

A mágoa que me convida
A amar todo o indefinido...
Eu tive pouco na vida
Mas dói-me tê-lo perdido.

25-2-1917

126 Paira do alto céu a luz da primavera
Não sei que mal tenho ou que bem me espera.
Como buscar o que não sei o que é, ou deixar
Que me leve uma vida que sei que me há de amargar?

25-2-1917

127

Marinha

Mas o vento do Norte,
O vento do Norte cheio de espuma e de frio
Soprou sobre a tua sorte e sobre a minha sorte
E a nossa sorte, como uma areia levada, fugiu.
Perdeu-se na noite,
Perdeu-se na noite e no longe com o vento a soprar
E só fica na minha memória a memória do açoite
Do vento na noite que levou a minh'alma e a espuma do mar...

Pela praia noturna, meu amor perdido, pela praia...
Pela praia noturna sob um céu sem lua e sem calma
Nós demos as mãos

E esquecemos a vida, e o mundo, a nossa própria alma...
O som do mar embalava, o seu ruído brusco perdia
A rudeza, o ser só exterior, vida aureolar
Aquilo invisível de nós que nos alava e prendia
E o resto era a noite longínqua e o suspiro do mar.

Passamos por tantas terras dentro das emoções!
Buscamos tão órfãos a porta e a mãe da nossa alma!
Mas as mãos que se tinha prazer sentir nos corações
Acham-se no nosso silêncio e na noite talvez calma.

Nós éramos o Amor. Fora de nós o oceano
Levou na noite de trás para diante o sossego do reunido
Que tarda como nós, mas não morre, embalou meu engano
Que era certo agora em nós e no nosso absorto sentido

Sempre estava connosco salvo a abdicação do mundo
Que toca na alma na noite e no céu e no mar
Mas o nosso amor era uma ilha no oceano sem fundo
Do consolo da vida, das ondas lá longe e do vento a esperar.

Nada jurámos. A alma era tudo, o corpo da hora
Velou-se na sombra da noite absoluta e no mar que tremia
Quem havia além de nós com alma e com vida agora?
Fora de nós de quente e humano e certo, o que havia?

Não tínhamos vivido antes daquele momento
Antes tinha sido o nosso corpo e a nossa alma...
Vindo de uma outra alma o nosso pensamento
E isso era uma calma noite dentro da noite sem calma.

Tudo pensamos menos o amor, e só ele havia...
Cada um era nele: o outro não era preciso
As mãos tornando-se leves na alma que não as sentia
E tudo estava em cada um por ser o outro, e indeciso...

Pela primeira vez nada sobrava ou faltava
Pela primeira vez nada era aos nossos pés
Nada era em nada sobre o não que ali estava
Pela primeira vez, pela primeira vez

Uma pessoa impossível feita da morte dos dois
Passeava sozinha, era o nada tudo, ali na areia...
E o mundo era uma ilusão com os seus dias e os seus sóis,
E a alma era falsa com a sua dor e toda a ilusão era alheia.

Não bem alma, não bem vida, apenas o amor...
Não bem nós, nem o mundo, uma outra cousa real...
E o espaço vazio em que isso era verdadeiro, um sabor
À unidade suprema, além do bem e do mal.

25-2-1917

128 Lábios que pousam e que entreabertos
Escutam palavras do coração...
Sorriso dentro dos olhos, mão
Consciente sobre o sofá, madeixa caída
Ligeiramente

Pra quê, se o sonho é melhor que a vida?

26-2-1917

129 Não é para nós, os fracos, para quem a vida é tudo
E o que há além da vida ainda é a vida além,
Nem o cálix, nem a □, nem sequer o escudo,
Nem a esperança maior que, quando a dor sobe, vem.

Não é para nós, para quem pensar é mais que saber,
Para quem a alma sentir é a alegria e a vida,
Nem o pálio, nem a veste, nem a solidão sem ver
Que é a Última Porta, e a Visão sem fim, e o final da subida.

Não para nós, não para nós, que queremos e obtemos
E afinal somos o fumo e a sombra dum querer maior
Que somos o mero ato de outros que nunca vemos...
Nega a vida e confia em Buda, Nosso Senhor.

26-2-1917

No país das lagoas a tarde
É uma lagoa também...
O céu em água de fogo arde
E a sombra vem
Sem rasto, ou □ ou alarde
Como as sombras que as águas têm.

131

No país das lagoas doente
Passei, e o coração
Ficou-me entre a extensão silente
Da solidão,
Como uma alga ou um reflexo — hálito rente
À consciência exterior da sensação.

No país das lagoas, paisagem
Que faz a alma parar
De uma angústia sem nome e sem fim — pagem
De não poder pensar —
No país das lagoas passei como uma aragem
Por sobre as lagoas doentes, à procura do mar.

28-2-1917

133 O reino longínquo dos ÍDOLOS mortos
Tem cousas e seres com negra expressão.
Nenhum viajante desceu em seus portos.
Ninguém o deixou □

Todas as cousas ali são conscientes.
As arestas olham com um olhar seu.
As pedras e as plantas e as águas são entes
Em quem como em nós Deus bem não morreu.

Se às vezes, nas horas mais frias da vida
Eu ergo a minha alma até onde há céu,
Renasce a memória, que eu tinha esquecida,
Do Reino sinistro que o Tempo esqueceu

28-2-1917

135 É um país remoto...
Ravinas, rios no fundo...
Nem bem do ignoto
Nem bem do mundo

Se o vi, se sonhei-o
Não sei...
Um dia, donde me veio
Saberei
E, falso ou certo, isso será
Viver sempre lá.

1-3-1917

Tragam-me o barco e tragam-me as rosas 137
Disse o Rei.
Quero ir à ilha em que são ditosas
As sombras idas de quem amei.

Mas o barqueiro era incerto e vago
A noite era má,
Um nevoeiro lento e aziago
Descia já.

E o Rei partiu com o amor e as flores
Na noite e ao fim
Voltou o barco e as rosas sem cores
Mas rei nem barqueiro

1-3-1917

Não tenho nada pra te dizer 139
Salvo que a vida já não me quer.

Não tenho nada para te ouvir
Para que ouvir-te? Não sei sentir...

Sofro nos sonhos, sofro na vida.
Não tenho norma nem direção...

Levo o cadáver da fé perdida
Para o jazigo da ilusão.

1-3-1917

Rabequista louco
Tocando lá fora
Qualquer cousa pouco
Mas com que a alma chora...

Onde é que aprendeste
Que essa melodia
Rasga um pouco a veste
Cujo pano é o dia?

Quem te disse outrora,
Antes do teu ser,
Que quando a alma chora
Sente o irreal viver?

Quem te ensinou antes
Que ter coração,
Que a dor traz instantes
Em que o mundo é vão?

Quem te deu esse arco
Que arranca essa nota
Com que o Rio abarco
E a Cidade Ignota?

Seja como for,
Cessa, meu irmão,
Já é todo dor
O meu coração.

1-3-1917

Não sei. Falta-me um sentido, um tato
Para a vida, para o amor, para a glória...
Para que serve qualquer história,
Ou qualquer facto?

143

Estou só, só como ninguém ainda esteve,
Oco dentro de mim, sem depois nem antes.
Parece que passam sem ver-me os instantes,
Mas passam sem que o seu passo seja leve.

Começo a ler, mas cansa-me o que inda não li.
Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.
O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
É tudo uma cousa como qualquer cousa que já vi.

Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma ideia,
Qualquer cousa que nada tornasse útil ou feia,
Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.

1-3-1917

Onde é a serenata?
Dormem os arvoredos.
Há mosqueios de prata,
Luar em rastos e enredos...

144

Cantam que vozes suaves?
Enche-se a alma de querer
Ter qualquer cousa das aves
Para a poder entender...

Oh, sombras longas, levai-me
Até a quem vós cantais...
Na vossa música dai-me
Melhor dor que a dos meus ais...

Vinde buscar-me ao desejo,
Despi-me da ilusão...
Vosso murmúrio não vejo...
Não ouço a vossa canção...

Mas na cor oca do luar,
No lago alado da brisa,
Há vozes indo a cantar
Pela floresta indecisa...

E em serenata levantam
Os seus suspiros ao céu,
Qual é a mágoa que contam
Que é melhor que o gozo meu?

O que é que buscam que qu'rê-lo
Vale mais que em nós ter?
Que olhos tem, que cabelo,
Essa invisível mulher?

Não há maneira de eu ir
Da humanidade pra onde
E entre essa mágoa sorrir
Onde o luar se esconde.

Ah, ensinai-me o unguento
O óleo das bruxas loucas
Com que atingir o lamento
Preso nas vossas bocas.

Olho, e só vejo o luar.
Escuto, e nem ouço a brisa.
Quem é que está a cantar?
Quem, que a minha alma precisa?...

9-3-1917

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono
Da noite não enxergo gesto ou vulto.

146

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Preso por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia.

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.

14-3-1917

Sim, porque os Deuses guardam
Não só o que têm, mas também o que aguardam.
Sim, porque os Deuses podem ver
Não só o que é, mas também o que há de ser.

148

Por isso eles, prevendo
Qualquer destino em nós ainda oculto
Aos olhos que só veem o vulto
Do atual e do presente
Eles, zelando e entendendo
Cousas que do futuro nós não vemos
Zelam o pouco do presente que temos
Para que um dia, subitamente,
Atinjamos o fim que eles quiseram
E para que nos deram
A vida, ainda que má, que imos vivendo.



Invisível Destino

Vela por nós na noite.

A nossa alma não tem onde se acoite,

O nosso esforço falha como um hino

Esquecido, o nosso coração

Treme na incerta mão

Que lhe maneja os fins mal-contornados,

Mas um Destino que não percebemos

Protege-nos os fados

E guarda em nós o que nós não sabemos.

Para que fim, senhores que regeis

A humana vida, é que nos heis guardado?

Qual é a outra Descoberta que heis

Ao nosso absurdo esforço destinado?

Porque assim por nós cúmplices velais

Da nossa infâmia e da desídia nossa?

Vós o sabeis, vós longe em vós guardais

O segredo de nós e da ânsia vossa.

Será que em outras partes do Universo

Outras Índias aguardam nossa vinda?

Outro Cabo sinistro é acaso emerso

De qualquer outro clamoroso sul,

Que o nosso esforço, de si próprio exul,

Ó deuses, tenha que o buscar ainda?

Guardais-nos. Para que é que nos guardais?

Tanto povo, qual nós, assim descido

Ao lixo da miséria, e ao pervertido

Amor da pátria que aos morrentes dais,

Passou, e como o fumo dos casais

Na tarde anoitecendo se esvai lento

Na noite e na distância e pelo vento,
Nunca mais foi... E porque somos nós
Ainda vivos, povo humilde a sós
Com o seu vácuo e ignóbil pensamento?

Porque sobrevivemos à nossa alma?
Há muito tempo a morte nos devia
Ter apartado, e à sua mansão fria
E à sua incerta e definida calma
Ter conduzido.

Sim, para que sejamos, nós quem somos?
Tudo o que somos é só o que fomos,
Nada em nós resta do que é nossa história
Salvo a memória inútil da memória
Que por ser só lembrada se detesta.
Pois quando o braço falha e a alma é oca
Quando nada de nós que foi nos resta,
A muita memória é vida pouca.

Ao menos revelai, para que a vida
Nos saiba ao menos ao futuro certo
Qual a missão que inda nos é devida
Pelo vago Destino indescoberto.
Dizei ao menos que em verdade tendes
Guardado para nós algum destino,
Para que a vida nos não pese tanto
E alguma cousa do futuro encanto,
Afasto de nossa alma os seus duendes
Do seu constante e incerto desatino.

Dizei que nosso esforço talvez faça
Descer os deuses outra vez à terra.
Dizei que num futuro que ainda traça
O destino em seu Longe, oculto guerra

Ganharemos em terras por saber.
Dizei em que é que havemos de vencer,
Para que hoje não pese, que ainda aterra.

Contai ao que profético em nossa alma
Nesses segredos ditos alta noite
Ao senso irreal de nós, quando se afoite
Até aos pés da vossa fácil calma,
Quais são as misteriosas ordenanças
Que para o nosso atónito porvir
Haveis escrito; dizei entre que lanças
Havemos finalmente de cair.

Dizei ao menos que num derradeiro
Sforço como o da chama quando cessa
E ilumina um momento o quarto inteiro
E após morre, que um dia

Cairemos num fim digno
Não do que somos, mas do nosso outrora
Ao menos isso reste à nossa esperança
Nesta atra e ignóbil hora
Em que o nosso destino é um □ que chora
E a nossa arte um palhaço que dança.

7-4-1917

Passam as nuvens, murmura o vento
Passam as nuvens, vão devagar.
Demoro em mim o meu pensamento
E só encontro não-encontrar...

149

Passam as nuvens, os ventos vão,
Levam as nuvens a um vago além,
Mas nunca a dor em meu coração
Ou a ânsia vaga de que provém.

Passam as nuvens, não têm destino
Salvo passar, não ficar aqui...
Assim meu ser tivesse um divino
Nenhum-destino, não ser de si.

Passam as nuvens, eu fico e tenho
Por meu destino pior, ficar...
Sem saber donde, nuvem, provenho
Ou qual o vento que me há de levar..

30-4-1917

Nuvem

151

As nuvens passam pelo céu,
As nuvens passam lentamente.
Minha alma perde o vago véu
Que a faz descrente.
Vê as cousas diretamente.

Não importa que vida tenho.
Não sei de ser.
Vago, informe, □ desenho,
Oculto ter
No alado azul que desempenho.

Porque, de manhã, me aproximo
Do ar e do céu;
Retomo o véu
E do exterior em mim me arrimo
E o espaço imenso faço meu

Sem intervalo
Entre mim e o exterior,
Sou, porque calo.
Cismo e resvalo
Para uma sombra do meu torpor.

Minha incorpórea semelhança
Com languescer,
Vem ter comigo, e a hora dança
Só porque comigo vem ter.

Fecho as portas a mal sorrir.
Sentindo o céu por dentro fora.
Venho ver as nuvens fugir
Como se ver fosse sentir.
Calo! Minha alma dorme a hora.

28-5-1917

152

As horas de que eu tenho pena
São as que nunca viverei.
Astro, standarte, azul, falena,
Manto de rei,

Miséria do lacónico auge,
Quando a ânsia foi grande e sangue.
Palácio fauce de leão langue.
A cascata de leve estruge

E entre áleas ou coberta a séries
De prantos por interromper,
Diverge a astros o dizeres
Que é certo morrer.

Por isso sonho alado, gala
Da tarde atónita e macia,
O rastro saqueou e opala
Sequência fria.

31-5-1917

Teus braços dormem no teu colo,
Quebras o busto para a frente.
Teu perfil é de desconsolo,
Mas a minha alma é que é doente.

153

Talvez tu penses, fugitiva,
Nalguma sprança que te faz
Não triste, mas só pensativa,
Porque o sonho não satisfaz.

Eu, porém, para quem tudo é
A minha sombra sobre o mundo,
Ponho teu corpo, como o vê
Meu olhar, no meu ser profundo,

E interpreto para ânsia e erro
A tua simples posição,
Só para que haja mais desterro
No meu perdido coração,

Só para que entre o mole ondear
Do cortejo dos meus afetos,
Os sonhos sejam incompletos
E o cortejo sempre a acabar.

Não importa. O teu vulto cisma,
Ou, se não cisma, cismo-o eu.
Deixa que a hora passe, e abisma
Meu sonho nesse gesto teu.

5-6-1917

154

Para onde vai a minha vida, e quem a leva?
Porque faço eu sempre o que não queria?
Que destino contínuo se passa em mim na treva
Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?

O meu destino tem um sentido e tem um jeito,
A minha vida segue uma rota e uma escala,
Mas o consciente de mim é o esboço imperfeito
Daquilo que faço e que sou; não me iguala.

Não me compreendo nem no que, compreendendo, faço.
Não atinjo o fim ao que faço pensando num fim.
É diferente do que é o prazer ou a dor que abraço.
Passo, mas comigo não passa um eu que há em mim.

Quem sou, senhor, na tua treva e no teu fumo?
Além da minha alma, que outra alma há na minha?
Porque me destes o sentimento de um rumo,
Se o rumo que busco não busco, se em mim nada caminha

Senão com um uso não meu dos meus passos, senão
Com um destino escondido de mim nos meus atos?
Para que sou consciente se a consciência é uma ilusão?
Que sou eu entre quê e os factos?

Fechai-me os olhos, toldai-me a vista da alma!
Ó ilusões! se eu nada sei de mim e da vida,
Ao menos goze esse nada, sem fé, mas com calma,
Ao menos durma viver, como uma praia esquecida...

5-6-1917

Canção triste

156

O Sol, que dá nas ruas, não dá
No meu carinho.
A felicidade quando virá?
Por que caminho?

Horas e horas por fim são meses
De ansiado bem.
Eu penso em ti indecisas vezes,
E tu ninguém!

Não tenho barco para a outra margem,
Nem sei do rio
Ah! E envelhece já tua imagem
E eu tenho frio.

Não me resigno, não me decido,
Choro querer...
Sempre eu! Ó sorte, dá-me o olvido
De pertencer!

Enterrei hoje outra vez meu sonho
Amanhã virá
Tornar-me triste por ser risonho,
E não ser já.

Inútil brisa roçando leve
Já morta flor,
Saudando a um bem que nunca se teve
Vácuo com dor,

Triste se é triste, e de o ser não finda
Quando é conforto
Como mãe louca embalando ainda
O filho morto.

22-6-1917

157 Quando eu amei, não fui amado,
Nem fui amado sem amar.
Todo o meu ser ficou parado
A meditar.
O que eu obtive não queria.
O que queria não obtive.
Egoísta, sim. Mas no aspeto
Nem sempre o mostra, porque é
Muito amigo de si.

7-7-1917

Levai-me para longe em sonho, 158
 Ó som do mar,
Um vago mal-estar risonho
 Me venha alhear
Da consciência do momento
 Que, definida,
Paira em meu vago pensamento..
 O sonho é a vida.

7-7-1917

Ó altas serras do horizonte 159
Baixas na distância parada.

[post 7-7-1917]

Traze, a hora pesa, os perfumes dum Oriente 164
Que seduza entre a contemplação das pedras caras.
Delas, halo, se veste inútil o presente,
E triunfal oculta o assombro, e as cousas raras.

Tu, soberba, a distância foge, nas searas
São os felizes, nasce o império e é insubstistente.
Inquieta o incêndio, sangra da hora, as claras
Visões da noite, onde a árvore e a nascente?

Molesta ser, sobra, ignóbil paradeiro
Da consciência despida das miragens
Com que na infância gozou ser o albor primeiro

Do que não persistiu, silfo, perdido gesto
Fechar cansado do livro supérfluo de imagens,
Aborrecimento ante o incitamento e o doesto.

16-7-1917

167 Pobre criança que qu'ria ter
Em toda a vida canções da ama

[post 26-7-1917]

168 *Nomen et praeterea nihil*

Mina-me a alma com suavidade,
Com uma incerta angústia meu ser come
Uma vaga, indecisa saudade
Só de um nome.

Onde o ouvi? Qual era? Não o sei.
O seu efeito em mim apenas vive
E a ideia de que ouvindo-o é que criei
A dor que em mim revive.

Rainha o teve? ou que princesa morta?
Ou fada incerta o usou para fadar?
Quem ele foi agora não me importa.
Sem ele não sei já sonhar.

Ao pé dele — não sei se em quem o tenha,
Se nele só, ouvindo-o e nada mais —
Sinto a felicidade viver minha.
Sílabas irreais,

Murmúrio vago, arfar de incerta sugestão,
Tirar de flor do ramo, ir para ouvir
O segredo, o mistério ou a canção,
Que faz a dor sorrir,

Indefinida incompreensão falada
Da vida por passar, como a que foi!...
Nome sem fim! não me seas nada!
Sem ti a vida dói...

Sem a esperança oculta no teu vago
E amortecido brilho sou apenas,
O cansaço de mim, certo e aziago,
Morta flor nada sendo à flor do lago

30-7-1917

Gládio

169

Irei mais longe que os navegadores.
Meu espírito standarte
De terras de outros mares e maiores
Fará parte.

Atmosfera das almas do futuro,
Pairante imperador,
Tornarei do meu sangue o ainda obscuro
Porvir maior.

Possuirei a sfinges e a tronos
O meu reino de Além,
Senhor dos Mestres, Dono-Rei dos donos,
Alma que tem

No seu âmbito absurdo e desmedido
Todo o mundo por vir,
Que olhará para o Deus de ela-ter-sido
Sem o seguir,

Impaciente de ser pouco e tarde,
Cinza do que já fui.
Ó meu imperial coração, arde,
Impera, flui,

Ocupa a céu e astros o Destino,
Pertence a imperial!
Feche depois meus olhos o divino
Gesto fatal!

Terei deixado o meu inteiro ser
Por toda a terra
Nada terá morrido em meu morrer.

8-8-1917

170

Meu pensamento, dito, já não é
Meu pensamento.
Flor morta, boia no meu sonho, até
Que a leve o vento,

Que a desvie a corrente, a externa sorte.
Se falo, sinto
Que a palavras esculpo a minha morte,
Que com toda a alma minto.

Assim, quanto mais digo, mais me engano,
Mais faço eu
Um novo ser postigo, que engalano
De ser o meu.

Já só pensando escuto-me, e reside
Já fala em mim assim
Meu próprio diálogo interior divide
Meu ser de mim.

Mas é quando dou forma e voz do espaço
Ao que medito
Que abro entre mim e mim, quebrando um laço,
Um abismo infinito.

Ah, quem me dera a perfeita concordância
De mim comigo,
O silêncio interior sem a distância
Entre mim e o que eu digo!

[post 9-8-1917]

Penugem

172

Uma leve (veludo me envolve), vaga,
Vazia brisa
Como uma impressão imprecisa se propaga
Pela minh'alma imprecisa.

Pendem, oscilando, do caule da Hora — a rosa
Rara raiou —
As flores que outrora perfumaram a luminosa
Vida que já passou.

E tudo porque uma brisa, como quem brinca, brinda
Ao meu hesitar
O insulto inútil da sua veludínea e linda
Voz de variar;

Porque sob o azul do sul um bafo, ou um afago
Que sugere, ou contém,
A ideia de vida feliz ou de morte tranquila, vago
Afago vem.

E eu dispo de mim as intenções e as memórias
Na abstrata fragrância,
E a Hora é apenas o terem-me contado stórias
Na minha infância.

13-8-1917

175

Tu, espírito longínquo, que, magoado,
Bates às portas do meu ser perdido
E com o teu soluço emudecido
Meu mínimo torpor fazes quebrado,

Ergue teu vulto, ergue do meu lado
Teu gesto inútil e desvanecido
À hora em que o templo perde o ruído
E é noite lenta sobre o □ e o prado...

13-9-1917

180

Abdicação

I

Sombra fugaz, vulto da apetevida
Imagem de um ansiado e incerto bem,
Aereamente e aladamente vem
E um pouco abranda em mim o horror da vida.

O esforço inútil, a penosa lida,
De que, salvo sofrer, nada provém,
O receio, a incerteza e o desdém
Mitiga e sara, como a quem olvida.

Irreal embora, o teu momento é teu.
Nesse minuto, em que deveras prendes
Toda a alma, e és o seu sol e o seu céu,

És toda a vida, e o resto é a sombra e o trilho.
Splende em verdade, ó sombra, enquanto splendes,
E eu nada seja salvo ter teu brilho.

II

A minha vida é um barco abandonado,
Infel, no ermo porto, ao seu destino.
Porque não ergue ferro e segue o atino
De navegar, casado com seu fado?

Ah, falta quem o lance ao mar, e alado
Torne seu vulto em velas, peregrino
Frescor de afastamento, no divino
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da ação, sem a vontade
Que o viva, vulto stéril do viver,
Boiando à tona inútil da saudade —

Os limos esverdeiam tua quilha,
O vento embala-te sem te mover,
E é para além do mar a ansiada Ilha.

III

Entre o abater rasgado dos pendões
E o cessar dos clarins na tarde alheia,
A derrota ficou: como uma cheia
Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rei louco os seus varões
Trouxe ao prolixo prélio, sem a ideia.
Água que mão infiel verteu na areia —
Tudo morreu, sem rasto e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino
Com a morte tornou abandonado.
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos
Mostram no absurdo campo desolado
Uma derrota heráldica de ignotos.

IV

São vãs, como o meu sonho e a minha vida,
As imagens que busco, alvar recreio,
Para o meu ócio de cansaço cheio,
Para o meu ser deposto e fé perdida.

Nada vale. Renova a despedida
Todos os dias renovada, ó anseio
Que nem em ti sabes querer, baqueio
Surdo e ignóbil da púrpura e da lida.

Réu confesso da tua impenitente
Indecisão, de inútil reprovada,
E, reprovada, vil por persistente,

Aceita o nada a que te o Fado obriga,
E abdica, qual rainha destronada
Que foi mendiga, e torna a ser mendiga.

V

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho... Eu sou um Rei

Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei,
E meu cetro e coroa — eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil;
Minhas esporas, de um tinir tão fútil,
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regresssei à Noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.

VI

Forma inútil, que surges vagarosa
Do meu caminho, e aumentas minha dor:
Tua postíça luz não tem calor,
Teu vulto esfolha-se, como uma rosa.

Porque tão falsamente piedosa
Na hora mais negra do meu amargor
Vens com teu brilho errar o meu torpor
Que mais valia que esta sprança ansiosa?

Por que a mão irreal para mim stendes
Se não me guiarás, nem me conheces?
Se nada podes dar, para que splendes?

Ah, deixa ao menos imitar o sono
Meu ser, morto na strada onde tu descas,
Sozinho ao menos com seu abandono!

VII

Com a expressão a dor menor se apaga
E a dor maior se anima, como o vento
Apaga o lume frágil de um momento,
E a grande chama sacudindo propaga.

Toda a esperança morta, a ânsia vaga,
A mágoa certa do meu pensamento,
Com exprimir-se, mais conhece o aumento,
Porque é consciente e com mais □

Mas não dizer a dor é ter só dor.
Dizê-la é aceitá-la, e aceitá-la
É por presente tê-la, a ter maior.

18-9-1917

184

Sossego enfim. Meu coração deserto
Nada espera da inútil caravana.
Pouco a pouco meu espírito se irmana
Com ter perdido o próprio sonho incerto.

E sempre além de mim o indescoberto
Porto ao luar com que se o sonho engana.
De impercetível se descobre, plana
Parece a vida a este desacerto.

Estagno a lagos de algas por achar,
Sinto vazio o barco das amadas.
A noite despe não haver o luar

E como um filtro de poses encantadas
Tremem os rios, gelam as estradas
No absurdo vácuo de eu não ter que amar.

3-12-1917

Afonso Costa

185

O Afonso é miguelista,
Meu amigo integralista...
Não arrepanhe os cabelos!...
Miguelista, porque é ele
Partidário do Miguel —
Do Miguel de Vasconcelos.

Em francos estrangeiros
Quanto é trinta dinheiros?

Quis a Finança (a Internacional)
Entregar-lhe o entregar-lhe Portugal.
Formou em Coimbra a ciência e a maneira.
Oh, Judas, Coimbra é perto da Figueira!

[post 5-12-1917]

Ao seu tear de sonho e vida,
Com mãos alheias à sua obra,
Tece a minha alma
Sua presença é dívida
Entre o que eu tenho e o que lhe sobra
De □ Calma.

188

Tece, serena tecelã
Meu coração, a minha mágoa,
A minha ânsia,
E a sua mão, incerta e vã,
Move-se como um remo na água
Na distância.

1-1-1918

189

Alastor, espírito da solidão,
Perseguii, passo a passo, meus vãos passos,
Castigando, com vãos e vis cansaços,
O meu cansaço variado e vão.

Não busquei realidade ou ilusão,
Só para o próprio incerto abri os braços,
Por isso pesa nos meus membros lassos
Do Averno extremo a extrema escuridão.

Longe das próprias sombras desterradas,
Erro excluído nas últimas estradas
Do Averno, sombra extinta em vagos níveis

Do abismo incerto, pálido e pequeno
Meu destino erradio agora peno,
Por ter amado as cousas impossíveis.

11-1-1918

191

Suavemente embala.
Levemente beija.
Tudo em mim se cala
Nada em mim deseja.

O meu próprio anseio
Cessa um momento.
Como o arfar de um seio
Para o pensamento.

Não sei se te escuto,
Vaga melodia,
Se erro no absoluto

□

Nunca cesses! Deixa
Que o meu coração
Não mais tenha queixa,
Não mais bata em vão!

Sempre suave,
Aérea, sem mim,
Vago voo de ave,
Fino arfar sem fim...

Ah, não cesses! Cesso.
Meu coração morto

Deixa! Cala! Perto?
Longe? Nada. A mudar.
Que mais há que o incerto?
Deixa-me sonhar...

Leve... Nem me deixes
Sentir-me a sonhar...

27-1-1918

Um princípio leve de primavera fria,
Um sabor primaveril a longínquo verão
Nesta manhã, que o sol ☐, se enfia
No meu coração.

193

Solução improficuo da saciedade da vida
Baldada imprecisão de sonhar e querer.
Passo por um desalento como na descida
Que vai ter a viver.

22-2-1918

Ama, canta-me. Eu nada quero
Do mundo lá fora ouvir.
Sofro e, se penso, desespero,
Eu quero dormir.

Um sono em que a alma se esqueça,
Vazio embalar —
Que o som do teu canto por fim desfaleça
E eu durma sem sonhar.

Como malmequeres, para ver minha sorte,
Os meus sonhos desfolhei.
Tenho medo da vida, tenho medo à morte.
Nunca tive o que amei.

Que a tua canção seja um nada, um afago
Como o som longe do mar
Eu quero dormir. Ama, as dores que trago
Só assim podem acabar.

Criança que vê os outros brincando
Sem brinquedos, e sem companhia...
Canta-me, ama, vá-me o sono levando
Como uma melodia...

Noturna esperança, fenecem no outono,
Sussurro, secaram as águas...
Canta, e que o teu canto entre no meu sono
Como um ai sem mágoas.

10-3-1918

Eu sou o disfarçado, a máscara insuspeita.
 Entre os triviais e os vis minha alma insatisfeita
 Indescoberta passa, e para eles tem
 Um outro aspeto, porque, vendo-a, não a veem,
 Porque adoto o seu gesto, afim que não me estranhe
 Julga o vil que sou vil, e, porque não me entranhe
 No meandro interior por onde é vil quem é
 Julga-me o inábil na vileza que me vê.
 Assim postiço igual dos inferiores meus,
 Passo, príncipe oculto, alheio aos próprios véus,
 Porque os véus que me impõe a urgência de viver,
 São outro modo, e outra □, e outro ser.
 Porque não tenho a veste e a púrpura visível
 Como régio meu ser não é aceite ou crível;
 Mas como qualquer em meu gesto se trai
 Da grandeza nativa que irreprimível sai
 Um momento de si e assoma ao meu ser falso,
 Isso, porque desmancha a inferioridade a que me alço,
 Em vez de grande, surge aos outros inferior.
 De aí no que me cerca o desconhecedor
 Que me sente diferente e não me pode ver
 Superior, julga-me abaixo do seu ser.

Mas eu guardo secreto e indiferente o vulto
 Do meu régio futuro, o meu destino oculto
 Aos olhos do Presente, o Futuro o escreveu
 No Destino Essencial que fez meu ser ser eu.

Por isso indiferente entre os triviais e os vis
 Passo, guardado em mim. Os olhares subtis
 Apenas decompõem em posições verdades
 O que de mim se vê nas exterioridades.
 Os que mais me conhecem ignoram-me de todo.

13-3-1918

Na tarde vaga e vasta,
Cheia de vozes fora
Em que o humano contrasta
Com o afago da hora,

Levanta-se de mim
Um arrepio da alma
Um mau sossego afim
A ter perdido a calma,

E a ânsia de abandonar
Tudo a quanto eu quis,
De ir para além do mar
Sem lar nem país,

Sofre em mim um momento
A dor de não poder ser.
Tenho no pensamento
Não poder conviver.

E, gota a gota, um pranto
Quasi sem causa afaga
O meu trémulo quebranto,
E meu coração alaga.

Coração indeciso,
Quem quis que tu vivesses?

14-5-1918

L' Inconnue

198

Não: toda a palavra é a mais. Sossega!
Deixa, da tua voz, só o silêncio anterior!
Como um mar vago a uma praia deserta, chega
 Ao meu coração a dor.

Que dor? Não sei. Quem sabe saber o que sente?
Nem um gesto. Sobreviva apenas ao que tem que morrer
O luar, e a hora, e o vago perfume indolente
 E as palavras por dizer.

12-6-1918

Juliano em Antioquia

204

No azul da tarde o hino cristão se mexe
Com os beijos vendidos
Pouco a pouco □ o César desce
Os degraus denegridos...

O templo ruiu e Cristo enfim venceu
A terra é um logo-deus.

23-11-1918

205 Por cima das revoltas, das cobiças,
Da incerteza da vida e do escarcéu
De inúteis e constantes injustiças,
O mesmo sol doura no mesmo céu.

Imperturbavelmente, enquanto as gentes
Da terra turvam sua própria vida,
Resultam os arbustos das sementes
Numa continuidade indefinida.

Ah, lição que, a podermos aprendê-la
Mais do que com a mente, com o instinto!,
Atravessara, qual longínqua vela
O mar do nosso anseio ermo e indistinto.

Sejamos calmos como a Natureza,
Um pouco indiferentes e fugazes,
Órfãos já da ilusão e da surpresa,
Viúvos do sonho das humanas pazes,

E, abandonando o rio das paixões,
Salvos enfim, na margem concedamos
Aos Deuses sacrifício, e às ilusões
O esquecimento que ao passado damos.

Lembrar! Sperar! Ter fé e confiança!
É sempre a mesma a inútil ilusão.
As folhas aos meus pés em branda dança
Falam do vento e as vagas sombras vão

Alongando-se pela terra fora,
Cúmplices exteriores deste vago
Anseio porque a vida nunca fora
Que morre em mim com o tremer de um lago.

21-12-1918

O sol às casas, como a montes,
Vagamente doura.
Na cidade sem horizontes
Uma tristeza loura

Com a sombra da tarde desce
E um pouco dói
Porque quanto é tarde
Tudo quanto foi.

Nesta hora mais que em outra choro
O que perdi.
Em cinza e ouro o rememoro
E nunca o vi.

Felicidade por nascer,
Mágoa a acabar,
Ânsia de só aquilo ser
Que há de ficar —

Sussurro sem que se ouça, palma
Da isenção.
Ó tarde, fica noite, e alma
Tenha perdão.

25-12-1918

207

No ouro sem fim da tarde morta,
Na poeira de ouro sem lugar
Da tarde que me passa à porta
Para não parar,

No silêncio dourado ainda
Dos arvoredos verde-fim,
Recordo. Eras antiga e linda
E estás em mim...

Tua memória há sem que houvesse,
Teu ar, sem que fosses alguém.
Como uma brisa me estremece
E eu choro um bem...

Perdi-te. Não te tive. A hora
É suave para a minha dor.
Deixa meu ser que rememora
Sentir o amor,

Ainda que amar seja um receio,
Uma lembrança falsa e vã,
E a noite deste vago anseio
Não tenha manhã.

25-12-1918

208

Báquica medieval

O nosso patrão é pai.
Faz-nos o bem.
Bebamos à saúde dele,
E à nossa também!
Não falte trigo pra semente,

Remédio ao doente,
Nem vinho à gente!

O nosso rei é padrinho.
Que Deus o ajude!
Bebamos à saúde dele
E à nossa saúde!
Não falte caridade a quem deve,
Direito a quem recebe,
Nem vinho a quem bebe!

E vá à saúde da terra,
Que é bem preciso!
Livre-nos Deus, a nós e a ela,
De seca e granizo!
Que há três coisas que Deus proibiu —
A fome, o frio,
E um copo vazio!

29-12-1918

Soror Mariana

209

Porque a maior vontade é não-querer.
Feliz de quem, triunfante de si,
Colhe a flor de não dar nem pertencer,
E amando só o seu desordenado amor
Vê, enquanto a sombra lhe sorri,
Em suas mãos fanar a inútil flor.

[1918]

211 Trago nas mãos as oferendas todas
Com que se a primavera depois veste
De nova, e as árvores saem dos troncos negros
Para a sua palavra de verdura.
Meus braços são só brancos no intervalo
Da trazida folhagem que os atulha.
Meus olhos viram a manhã nascer
E no olhar o relembrar, que stremece
Com a alegria de melhores horas
Se pensa no presente. A minha voz
Erguida é como a fonte no sossego
Da sombra que copada a árvore jaz
Na relva curta, e o viandante esquece
A árdua necessidade de um destino.

[1918]

224 Cada palavra dita é a voz de um morto.
Aniquilou-se quem se não velou,
Quem na voz, não em si, viveu absorto.
Se ser Homem é pouco, e grande só
Em dar voz ao valor das nossas penas
E ao que de sonho e nosso fica em nós
Do universo que por nós roçou;
Se é maior ser um Deus, que diz apenas
Com a vida o que o Homem com a voz:
Maior ainda é ser como o Destino
Que tem o silêncio por seu hino
E cuja face nunca se mostrou.

19-9-1918

Três dias e três noites festejaram
A vitória, e três noites e três dias
O som da sua dança pela terra
Ecoou medonho e dessa orgia as sombras
De espantosas figuras sem medida
Transbordaram encostas e vertentes
E faziam relâmpagos do escuro
Nas cavernas urnais, procurando Urano
Como espetro o Érebo vivo, enquanto
A velar deuses recolhiam quedos,
Sem a fraca força até de ser furtivos,
Desdenhados do júbilo triunfante
Sem cuidado em destruir a criação
Outra vez ao exílio onde não cresce
Flor, ou amor, ou condição de vida —
A razão subiu mais que o Orco,
Limite do universo, extrema costa
Para além da qual ruge só, no assombro
Do eterno ignoto, o mar do caos ífero
(Princípio e fim do eterno contingente)
Na primitiva noite inacessível.

227

[1918]

A alma de meu ser se perde no teu amar
Tens aos meus pés aquele que ao cair
Teu ser invade quem não sou, clarão
Do nada, e eu lume do não-ser embargo

231

Cujo vale é o Pináculo da Tarde.

[1918]

233

«Nascera eu pastor,
E todo o curso natural da vida,
Me houvera habituado ao seu sabor.
Inscientemente, como na descida
Que o passo não acusa ou cansa o andar,
Teria a alegria, o afeto, o amor,
Como quem tem o ar.

Assim, nascido só para o destino
Do império, não conheço
Desde menino,
Os gestos naturais, o humano preço
Da alegria e da vida.
Só sei o que é o Império, ignoro a vida.»

[1918]

235

O rio, sem que eu queira, continua.
Espelha-se, fora de eu ser eu, a lua
Nas águas do meu ser independentes...
Meus pensamentos, sóbrios ou doentes
Nunca saem pra fora do meu ser.
No barco ao pé da margem, ao mover
O remador os remos, fica tudo...
A noite é clara, o coração é mudo
E a palavra que eu vou dizer, e fora,
A ser dita, a noção na alma da hora,
Passa, como um murmúrio vão do vento...
E eu, só na noite com um pensamento
Não me distingo do que me rodeia...
E então é só real a lua cheia...

30-1-1919

Ah, viver em cenário e ficção!
Ser só de panos de fundo o Real!
E sentir passar em Falso cada sensação
Com um acompanhamento musical!

236

Longe da plebe que tem horas e braços
E desejo de cousas que é possível possuir,
No reino do palco absoluto, sem laços
Com ter casa na vida, e razão para existir!

Nem realidade para além dos bastidores
Nem realidade real em quem vê,
Mas só real o cenário e os atores
Reais como máscaras, não como a gente que cada um é.

Porque a vida passa, não se compreende e é plebe...
A razão de ser das cousas não explica nada...
Paraíso de ver como quem sonha! Ó alma, te embebe
Na hipnose do Eterno Cenário ou da flauta encantada!

7-3-1919

Na estalagem a meio-caminho
Entre o sonho e a vida
Cheguei sozinho,
Sem speranza ou carinho
Sem viagem necessária ou estrada percorrida.

239

Nunca ali passei
E nunca de ali saí.
Ali, em mim, como rei,
Podia reinar, bem sei;
Mas o esforço é uma sombra, e nem existe ali.

Não morei onde estive,
Não vivo onde stou.
Sonho como quem vive
Na estalagem do declive
De mim pra mim, de quem quero ser pra quem sou.

6-4-1919

240 No circo onde a ver fui criança
Dorme tudo menos a atenção

6-4-1919

241 Um, dois, três...
Na relva tiram a passagem...
Fadas? Elfos? Rés-vés
Da sombra e da margem...

Um, dois, três...
E são uma maravilha
Só em mim esses passos e brilha
Mais cada flor...

6-4-1919

244 Inútil dessocego
Que me pesa na alma,
Porque é o dia cego
Para mim, e a manhã em meu ser calma?

Imparável star
Ali do universo...

28-4-1919

Na altura, de onde vejo, toda a rasa 231
Planície sem uma casa,
Ostenta, quem e além, entre frequentes
Pequenas flores
Girassóis e outras flores de alto porte.

30-6-1919

Ó nau que voltas do noturno vasto 254
Oceano sem termo que vejamos
Traze ao menos do incerto, de onde vens,
Uma nova melhor
Do que a vida e o prazer acabarem cedo,
Do que a speranza sempre.

[post 7-7-1919]

Na fuga inútil dos penosos dias 255
Que pensando vivemos,
Perdemos, com a vida sem proveito,
O próprio pensamento,
Porque, quando não praz a vida, como
Pode aprazer pensá-la?
Sábio o que busca como não perder-se
Da vida meditando,
Mas com a vida o pensamento junta
Meditando antes como
Viver que como compreender a vida.
Stulta a obra que busca
Saber da vida mais que como usá-la
Ou como, bem perdendo

A alta luz, o verdor do campo, e o canto
Das aves, ir na sombra
Com passos cheios de reminiscência
Para o seu fim exíguo.

10-7-1919

257

Todo o passado me parece incrível.
Quem é a mim quem foi o que eu já fui?
Rio inconstante, sob meus olhos flui
Minha vida real e impossível.

Através de uma névoa eis-me insensível
Ao que vivi; e que já não se inclui
No que creio que sou, e sinto; e obstrui
Ver-me ver quem fui eu e hoje é invisível.

Cismo no que já fiz e me parece
Que incluo quem o fez mas não o sou.
Através da minha alma transparece

O que por mim viveu e se passou...
E um assombro de certo estremece
Em morto ser quem não ressuscitou.

13-7-1919

258

Tu, vento do sul, ou vento do norte, ou vento
Do leste ou do oeste,
Que vens abanar os ramos e o meu pensamento
E o alívio que deste;

Tu, o que deste, levaste, pra o leste ou pra o norte
Pra oeste ou pra sul
Deixaste o meu coração sempre triste, e o mar forte
E o céu límpido e azul...

Comigo fiquei só quem era que sou. Como os ramos
Das folhas não resto, nem eu...
Inútil rogar, inútil speranza que herdamos
Do que já nos morreu...

Aurora a raiar da noite que a minha vida
Não logrará trespassar...
Ó vento do norte, ou do sul, ou do leste ou do oeste, em tua lida
Faz-me também não durar.

[ca. 15-8-1919]

À noite

259

O silêncio é teu gémeo no Infinito.
Quem te conhece, sabe não buscar.
Morte visível, vens dessedentar
O vago mundo, o mundo estreito e aflito.

Se os teus abismos constelados fito,
Não sei quem sou ou qual o fim a dar
A tanta dor, a tanta ânsia par
Do sonho, e a tanto incerto em que medito.

Que vislumbre escondido de melhores
Dias ou horas no teu campo cabe?
Véu nupcial do fim de fins e dores.

Nem sei a angústia que vens consolar-me.
Deixa que eu durma, deixa que eu acabe
E que a luz nunca venha despertar-me!

14-9-1919

260

No alto da tua sombra, a prumo sobre
A inconstância irreal de vida e dias,
Achei-me só e vi que as agonias
Da vida, o tédio as finda e a morte as cobre.

Ali, no alto de ser, sentir é nobre,
Despido de ilusões e de ironias.
Não sinto as mãos unidas, que estão frias,
Não sei de mim, o que fui era pobre.

Mas mesmo nessa altura de mistério
E abismo de ascensão, não encontrei
Paragem, conclusão ou refrigério.

Deixei atrás o acaso de viver,
O ser sempre outrem, a escondida lei,
Caos de existirmos, névoa de o saber.

14-9-1919

262

Inscrições

1

Vasta é a terra e inda mais vasto o céu.
O dia, a treva o despe e o sol o veste.
Escolhe, e o que escolheres será teu,
Mas não lamentos o que não escolheste.

2

De uma *villa* romana entre ciprestes
A vida ao longe viu, como a uma estrada.
Seu buscado destino não foi nada.
Vós, deuses, destes; sabeis porque destes.

3

A águia do alto desce para erguer-se.
Leva a presa, deixou o medo. Ai,
O sonho desce só para perder-se.
Águia morta, que desce porque cai.

4

A noite chega com o luar no rasto.
A lua fria sobrevive à noite.
Meu coração não tem onde se acoite.
Lua morta no dia em que me arrasto.

5

Meu coração, pudesse a noite sê-lo!
E eu ter a lua por tristeza minha.
Mas a vida é dos outros, é mesquinha
A cousa obtida, □

6

Páginas mortas com perfume vago —
Antologia grega... A treva desce
Sobre o mundo, viver é aziago
E o que foi a alma com a sombra esquece

7

Navio que te afastas do meu vulto,
Partes para onde eu cismo, e não vou.
O Destino te livre do insulto
De seres quem eu sou sem ser quem sou.

1-10-1919

263

A criança que mora à beira do cais
Nunca andou nos navios.
Deseja com ânsia fabril ver mais
E ir para os mares universais,
Noturnos e frios.

Mas nunca foi mais que à beira da água,
Nunca melhor viu
Que a ida dos barcos, e a sua mágoa,
Que os outros partirem

2-10-1919

264

Sonitus desilientes aquae

No ar frio da noite calma
Boia à vontade a minh'alma,
Quasi sem querer viver
Sente os momentos correr,
Como uma folha no rio,
Sente contra si o frio
Das horas fluidas levando
Seu inerte corpo brando.

Mais do que isto? Para quê?
Tudo quanto o olhar vê
A mão toca, o ouvido escuta,
A consciência prescruta,
É inútil que se escutasse,
Que se sentisse ou pensasse.

Entre as margens com arbustos
Luzes na noite dos sustos,
Sob o luar repousado,

Ao correr vago e amparado
Do rio deixado e livre
A alma passa, a hora vive.

Ninguém. Só eu e o segredo
Do luar e do arvoredo
Que das margens causou medo.

Nada. Só a hora inútil
Só o sacrifício fútil
De desejar sem querer
E sem razão esquecer.

Prolixa memória, toda.
Rio indo como uma roda,
Noite como um lago mudo,
E a incerteza de tudo.

Recosto-me, e a lua dorme.
Cerca-me o que a noite enorme
Atribui à minha mágoa
Como um seu murmúrio de água.

Ninguém; a noite e o luar.
Nada; nem saber pensar.
Raie o dia, ou morra eu,
Volte no oriente do céu
O sol ou não volte mais,
São sempre os tédios iguais
E os barcos, calmos a medo,
Com o rio entre o arvoredo,
De noturno cemitério,
Ou fluido, vago mistério.

Tristeza de ter consciência!

8-10-1919

Tramway

Aqui vou eu neste carro elétrico, mais
Umás trinta ou quarenta pessoas,
Cheio (só) das minhas ideias imortais,
(Creio que boas).

Ainda elas, postas em verso, serão
Por toda a Europa, por todo o mundo (quem sabe!?)
Triunfo, meta, início, clarão
Que talvez não acabe.

E quem sobe? Que sente? O que vai a meu lado
Só sente em mim que sou o que, estrangeiro,
Tem o lugar da ponta, e do extremo, apanhado
Por quem entra primeiro.

Que o que vale são as ideias que tenho, enfim.
O resto, o que aqui está sentado, sou eu,
Vestido, igualado, regular, sempre em mim,
Sob o absurdo do Céu.

Ah, Destino ou deuses, dai-me ao menos o siso
Ao que em mim pensou a vida de ter um profundo
Senso essencial, mas certo e conciso
Da vida e do mundo!

Sei, sob o céu que é que toca as minhas ideias,
Sob o céu mais análogo ao que penso comigo
Que este carro que vai com as bancadas cheias
Para onde eu sigo.

E o ponto de absurdo de tudo isto qual é?
Onde é que está aqui o erro que sinto?
A minha razão enternecida aqui perde pé
E pensando minto,

Mas a que verdade minto, que ponte
Há entre o que é falso aqui e o que há certo?
Se o que sinto e penso, não sei sequer como o conte,
Se o que está a descoberto

Agora no meu meditar é uma treva e um abismo,
Que hei de fazer da minha consciência dividida?
Oh, carro absurdo e irreal, onde estou quando cismo?
De que lado está a vida?

8-10-1919

No jardim suburbano da minha infância afastada
Não há hoje nada.
Quem lá vive, vive num ato □, sem mim.
A vida é assim.

266

É sempre assim agora no jardim que já foi
E de longe me dói.
Com os olhos rasos de lágrimas relembro-o, afastado,
Ou é ao passado?

Que choro? É a vida, ou é ao jardim que findou
Porque o que é já não sou?
E a minha alma é hoje outra, o meu coração
Perdeu o irmão.

A criança que eu era, a minha antiga companhia.
A □, a alegria
E é deserto o jardim ao brincar antes agora!
Folha seca esta hora!

8-10-1919

267

Figuras de □ e fraque,
Século dezoito no ser,
Sem que nada nelas arque
Com sentir ou querer.

Ouçó tocar o piano e sei...
Ah, que se eu fosse...
O quê? Nem sequer o sei sentir!
Mas seria doce...

Afetos? Logro ou vida? Apraz
Ser real, ser assim?
Pobre alma minha, que queres a paz
E só me tens a mim!

8-10-1919

270

Qualquer caminho leva a toda a parte.
Qualquer ponto é o centro do infinito.
E por isso, qualquer que seja a arte
De ir ou ficar, do nosso corpo ou sprito,
Tudo é stático e morto. Só a ilusão
Tem passado e futuro, e nela erramos.
Não há strada senão na sensação
É só dentro de nós que caminhamos.

Tenhamos pra nós mesmos a verdade
De aceitar a ilusão como real
Sem dar fé mesmo a essa realidade.
E, eternos viajantes, sem ideal
Salvo nunca parar, dentro de nós,
O único spaço é o tempo, e o tempo é nada.
Outros eternamente, e sempre sós;
Nós próprios viagem, viajante e strada.

Que importa que a verdade da nossa alma
Seja ainda mentira, e nada seja
A sensação, e essa certeza calma
De nada haver, em nós ou fora, seja
Inutilmente a nossa inconsistência?
Faça-se a absurda viagem sem razão.
Porque a única verdade é a consciência
E a consciência é ainda uma ilusão.

E se há nisto um segredo e uma verdade
Os deuses ou destinos que a demonstrem
Do outro lado da realidade,
Ou nunca a mostrem, se nada há que mostrem.
O caminho é dum âmbito maior
Que a aparência visual que está fora,
Excede de toda a alma o exterior
Não pára como as cousas, nem tem hora.

Ciência? Consciência? Pó que a estrada deixa
E é a própria estrada, sem a estrada ser
É absurda a oração, é absurda a queixa.
Resignar-se é tão falso □ ter.
Coexisto? Com quem, se estamos sós?
Quem sabe? Saber ou qu'rer que são?
Quantos cabem só em nós?
Ser é não ser. Sentir é ter razão.

11-10-1919

271

Sobrinhos de Caim ou Abel
O mal nos fica
O bem nos impele

Sobrinhos de Abel ou Caim
Ao bem dizemos que não
Ao mal dizemos que sim.

Netos de Eva e de Adão,
Quanto trabalho
Para haver um pão!

Netos de Adão e de Eva
Deus deu amor
E o amor nos leva

11-10-1919

272

E surjo, distante e a sós,
Que o que a voz vem dizer
Não foi dito com voz:
Foi dito só com Ser.

[post 11-10-1919]

273

Triste é a vida
Triste é a vida.
O amor stá longe, o amor stá longe.
Aqui onde só a secura surge
Da areia, da areia
O amor stá longe
Ligeiro ou lento vem
Sem cor, nem amor, a ferir, a ferir

Ligeiro ou lento vem
Sob o cair do falar que sussurra
Do céu, sob o céu
Ligeiro,
Ligeiro,
Ligeiro,
Ligeiro ou lento,
Vem,
Ligeiro ou lento vem, pelo além vem
Ligeiro, lento, ligeiro, lento...
Ligeiro
Ou lento
Vem...
Ligeiro ou lento vem.

[post 11-10-1919]

Vendaval

274

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,
Não achas, soprando por tanta soidão,
Deserto, penhasco, coval mais vazio
Que o meu coração!

Indómita praia, que a raiva do oceano
Faz louco lugar, caverna sem fim,
Não são tão deixados do alegre e do humano
Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,
Só têm a tristeza que a alma lhes vê;
E nisto que em mim é vácuo e tristeza
É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,
Que rasgas os robles — teu pulso divide
Minh'alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,
A alma que tenho pudesses levar —
Fosse pr'onde fosse, pra longe da ideia
De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,
Mar torvo do Caos que parece volver —
Porque é que não entras no meu pensamento
Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!
Horror de sentir a alma sempre a pensar!
Arranca-me, ó vento, do chão da existência,
De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais scura,
Pelo caos furioso que crias no mundo,
Dissolve em areia esta minha amargura,
Meu tédio profundo,

E contra as vidraças dos que há que têm lares,
Telhados daqueles que têm razão,
Atira, já pária desfeito dos ares,
O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,
Tornado a substância dispersa e negada
Do vento sem forma, da noite sem termo,
Do abismo e do nada!

12-10-1919

A noite é escura, e a cidade alheia 275

Arfa em torno de mim sem me ser nada.
Erro, e o que sou não tem nenhuma ideia;
Nem penso; sigo por nenhuma estrada.
Outrora fui... mas já não sei de mim
Qualquer cousa com fulcro e vida antiga.
Na sombra do meu ser, strada sem fim,
Passa minha vontade, uma mendiga.

Não tenho consciência ou intenção,
Não sou quem sou tanto que o gesto o fale
24-10-1919

Inês 276

Sentados sós lado a lado,
Com a névoa dos montes ao fundo
Do fundo do céu azulado.

(Na hora das rosas a morte)

Eu o que dizia era
Igual ao que eu não dizia,
Princípio da primavera.

(Na hora das rosas a morte)

Os nossos pés lado a lado,
Quietos na erva, curvando-a,
Na erva de qualquer prado.

(Na hora das rosas a morte)

Sobre nós a sombra dos ramos,
Nossas costas no tronco largo,
Lado a lado, (e se unidos estamos?)

(Na hora das rosas a morte)

Braço esquerdo, braço direito
Tocando de leve um no outro
Lado a lado, ali, sem defeito.

(Na hora das rosas a morte)

Sem olharmos um para onde
Estava o outro, mas lado a lado,
Ao fundo do fundo o monte.

(Na hora das rosas a morte)

O que a alma me respondia
Do lado de mim, existente;
Era o mesmo que eu dizia.

(Na hora das rosas a morte)

Jardim do princípio da vida?
Ninguém... Lado a lado olhando
São nossos pés a descida

(Na hora das rosas a morte)

Depois da descida o muro
E contra o muro, de lá
A estrada e o seu sulco impuro,

(Na hora das rosas a morte)

Depois, para além da estrada
Subia outra vez... Lado a lado
Víamos, sem ver nada.

(Na hora das rosas a morte)

Depois era um monte pequeno,
Depois montes e mais montes,
O último o mais sereno

(Na hora das rosas a morte)

No monte do fim se via
A névoa no alto do monte,
Um sol frio aquecia.

(Na hora das rosas a morte)

E a copa da árvore descida
Só pouco do céu azul
Deixava ao olhar e à vida

(Na hora das rosas a morte)

Não sei como foi, ou o que era
Dos montes, da sombra, da erva,
Princípio da primavera...

(Na hora das rosas a morte)

26-10-1919

277

Cai do firmamento
Um frio lunar.
Um vento nevoento
Vem de ver o mar.

Quasi maresia,
A hora interroga,
E uma angústia fria
Indistinta voga.

Não sei o que chora
Em mim o que penso.
Não é minha a hora
E o tédio é imenso.

Que é feito da vida
Dos outros, em mim?
A brisa é diluída
E a mágoa sem fim.

Seja a hora serena
E pálida, ou não,
Mas Deus tenha pena
Do meu coração!

26-10-1919

279

Onde é que a maldade mora?
Poucos sabem onde é.
Há maneira de o saber?
É em quem quando diz que chora
Leva a rir e a responder
Indo em crueldade até
A gente não a entender.

[post 25-11-1919]

Pousa um momento,
Um só momento em mim,
Não só o olhar, nem o pensamento.
Que a vida tenha fim
Nesse momento!

282

No olhar a alma também
Olhando-me, e eu a ver
Tudo quanto de ti teu olhar tem
A ver até esquecer
Que tu és tu também...

Só tua alma; nunca tu.
Só o teu pensamento
E eu nada, alma sem eu. Tudo o que sou
Ficou com o momento,
E o momento parou.

12-12-1919

Meu ser vive na Noite e no Desejo.
Minh'alma é uma lembrança que há em mim.

283

12-12-1919

1920

I

Noite da Raça! Paira no horizonte
Um torpor frio. Se anuncia o dia.
Porque tardam a sprança e a cotovia
E a leve luz no píncaro do monte?

Noite nas obras e nos corações,
Cansaço inútil pelas almas indo,
Como por portas sem abrir, pedindo,
Restos de fé, migalhas de ilusões.

Geração do martírio e da derrota
Gerada à luz sombria de um presságio,
Acordámos no exílio e no naufrágio,
E pátria era de sol e a glória essa frota!

O veneno de estéreis esperanças
A confiança vã em guias cegos,
A nós sem fé, a nós já sem apegos
A passado nenhum, homens, crianças,

Conduzirei ao declive e aos apagados
Fins do vale da □
E descansando à sombra das ruínas
Nem tememos a morte, de cansados.

II

Ó deusa tutelar da decadência
Senhora do Crepúsculo das Raças,
Com o vento frio de passar's repassas
Nosso amor, nossa fé, nossa ciência,

Prende a tempestade o duro morno
Do ar desta luz que tens, luz de eclipse,
Num desastre de fim e apocalipse
Ruem os céus e a alma em nosso torno.

25-12-1919

Hoje em que nada é português
Salvo a desgraça,
E em que um sopro maligno e soez
Por sobre as nossas almas passa;

289

Hoje em que manda quem serviu
Por condição,
E o próprio amor à Pátria é frio
Por Pátria ser um nome vão;

Hoje que, ruído o trono e a glória,
Só o Traidor
O louro e o ouro da vitória
Goza, vil como um vil ator;

Hoje uma voz que se levante
E diga, embora
Chore de ver, chorando cante,
Que vem nascendo além a Aurora,

Diga em palavras já tocadas
De outra Visão,
O Rei, e a Vinda das Espadas,
E o fim da Horda e da Traição.

28-12-1919

290

Clarim! Os mortos!

Contra Miguel de Vasconcelos
Republicano!

Eis outra vez o estrangeiro
Em Portugal!
Grita, clarim! Ao Conde Andeiro!
Mas quando a hora do Limoeiro
E do punhal?

Clarim, contra quem deu à França
A pátria e a grei,
Grita com fogo de esperança,
Vozes que chamem
O Rei!

E ao abismo do futuro clama
Por quem enfim
Vier, régia lusitana chama!
Pelo Rei que a Esperança chama,
Grita, clarim!

[ca. 28-12-1919]

291

Este vem trôpego e cego
Lá das Flandres e das Françaçs,
Só para o Leote do Rego
Endireitar as finanças

Este, que aos muros se encosta,
Veio doído lá da tropa,
Só para o Afonso Costa
Poder ser gente na Europa.

Esse outro que tudo esquece
□ assim vem
Só para que o Chagas pudesse
Passar por branco também.

Sem braços vem um a gemer
Já não ter maneiras jovens;
Só para o Norton vender
Caixotes por automóveis.

Vestem muitos da sua mágoa,
Comem muitos da sua morte,
Das lágrimas deles a água
Fez fértil muita sorte.

O teu filho veio cego,
Pobre mãe com dores aos molhos.
Olha, pede ao Leote do Rego
Que lhe arranje outros dois olhos.

A justiça de Deus está morta,
A casa da piedade
Não tem aldraba na porta
E tem em volta uma grade.

E a raça que descobriu
O oriente e o ocidente
Foi morrer de balas e frio
Para a cama dos Costas ser quente.

Quem é bom nunca é feliz,
Quem é mau é que tem razão;
O Afonso está em Paris
E o Sidónio num caixão

Vendidos à Inglaterra,
Caixeiros da França vil,
Meteram a gente para a guerra
Como num cesto aos mil

E não houve quem castigasse!
Nem o Rei para defender.
Porque em o Rei não havendo
Fica o povo sem □

A fome chove às carradas,
O filho morreu em França.
□
□

A quem dava aos pobres deram
Só duas balas por □
Àqueles que nos venderam
Nem a derrota foi má.

[1919]

292

Porque é que Deus põe as cousas
De modo que os maus governem?

Até que para o lado da barra
Há de vir um grande clarão,
E voltar, como diz o Bandarra,
El-Rei Dom Sebastião.

Porque mesmo quem não acredita
É preciso acreditar;
Quando a gente endoidece de aflita,
Até se abraça ao ar.

E o Sidónio está morto em Belém

E o Bernardino no mundo.

□

□

Mas o Quinto Império há de vir

Prometido a Portugal.

Quem manda é quem compra e vende,

Quem presta só serve para morrer.

Os pobres são pobres de mais,

Os ricos não têm coração

Hão de rir dos versos do cego;

Hão de rir mas hão de chorar,

Quem não for o Leote do Rego

E tiver pátria a que amar.

Um dia o Sidónio torna.

Estar morto é estarem-nos a fingir.

Quem é bom pode perder a forma

Mas não perde o existir.

Descobrimos as terras do fim...

[1919]

Apanho verdades aos molhos
Sem que ninguém o conheça
Tenho a noite em cima dos olhos
Mas não dentro da cabeça.

Toco com as mãos nos muros
E com a alma na verdade
Meus dedos para mim são escuros
Mas Deus uma claridade.

Sinto perto o que está longe,
Quando penso julgo que fito,
Meu corpo está sentado em hoje,
Minh'alma anda no Infinito.

As cousas que são suaves
Vêm do ar para os meus arranjos.
Só oiço as asas das aves
Mas vejo as asas dos anjos.

Canto às vezes sem dar voz
Como penso sem falar.
A cegueira que Deus me pôs
É um modo de luz me dar.

Quando vou por um caminho
É por dois caminhos que vou:
Um é por onde me encaminho
O outro a verdade onde estou.

Há no fundo dum poço em mim
Um buraco de luz para Deus.
Lá muito no fundo do fim
Um olho feito nos céus.

Ando pelo fundo do mar,
Pelas ilhas do avesso,
E uma cousa que há de chegar
Tem ali o seu começo.

E pelas paredes do poço
Anda uma cousa a mexer.
Rei moço, lindo rei moço,
Só ali te posso ver!

Para mim é sempre noite
Mas são outras as estrelas.
Cuidado a alumiar o açoite,
Não lhe fiquem as mãos sem velas!

Vejo o Encoberto voltar,
Vejo Portugal subir,
Há uma claridade no ar
E um sol no meu sentir.

Seu olhar é de rei e chama
Pela alma como uma mão.
Não é português quem não o ama.
Viva D. Sebastião!

Quando os muros forem erguidos
Na terra da maresia
Há de assomar aos ouvidos
A voz da Virgem Maria.

No seu dia veio o segundo,
No outro dia será o terceiro,
Se o segundo foi para o fundo,
O terceiro será o primeiro.

Vou andando como num cano
Quando olho para lá dos céus,
E não sou de todo humano
Quando vejo o que vejo em Deus.

Há um clarão que passa por diante
De por trás da minha cabeça.

[1919]

294

Tu olhas para a tua desgraça,
Pobre mãe, que estás só no teu lar?
Pede ao Afonso que faça
Teu filho ressuscitar.

Teu noivo voltou-te cego
Que tinha nos olhos □
Pede ao Leote do Rego
Que lhe vá buscar a vista.

Sem braços para qualquer obra,
Nem podes limpar o choro.
O Norton que te descubra
Dois braços, que podem ser de ouro.

Não amaldiçoas tua sorte,
Se teu filho ou noivo morreu,
Quem o mandou foi para a morte,
Amaldiçoa quem □

Cansados de roubar tanto,
Roubaram a vida à gente;
Cada gozo deles é um pranto
Que na face do povo rebente.

As mães vestem luto pelos filhos
E têm que ir às lojas deles
Comprar o luto pelos filhos,
Que eles venderam como peles.

Nunca tiveram uma mãe
Estes homens que nos venderam.
Quem sofre calcula bem
O que os outros sofreram.

Com as mesas sempre fartas
E dinheiro dos outros a rodo,
Jogam a gente como cartas
Até rasgar o baralho todo.

Pobre de quem é pobre
Que até a vida lhe vão buscar!
Para o Afonso Costa parecer nobre,
E o Chagas não viver do ar.

Não deram por fazerem mal,
Tão trôpegos e desleais,
E venderam a Portugal
Só para terem um prato a mais!

Já eram ricos e foram
A ser mais ricos por nós,
E por isso hoje as noivas choram
E os velhos pais estão sós.

Quiseram ter graça no mundo
E venderam o camponês,
Puseram num artigo de fundo
Tudo isto em francês.

Venderam a pátria aos bocados,
Vai tudo para o estrangeiro,
Mandaram-nos como degredados
Para a guerra □

Não é menos que seda o que cobre
A mulher do que □
Nem come bacalhau podre
Quem nos mandou para a guerra.

A vida já é tão triste.
Não precisa quem faça mais.

[1919]

295

A cada braço que cai
A cada vida que é perda,
Come mais o prato
□

Um dia há de vir quem torne.
O Sidónio não morreu.

Porque Deus quando dá aos maus
É a única vez que Deus trai.
Sobe-se por degraus,
Mas também por degraus se cai.

Mas nenhuma desgraça é toda,
Há um fim a tudo na terra.
Acaba o enterro e a boda,
Cansam o gozo e a guerra.

Vela pela gente em Belém,
Está dormindo a sonhar de nós.
Quem é pobre é quem nada tem,
E nós nem temos a voz.

Leio no escuro os sinais
Do Quinto Império a chegar.
O Bandarra via mais,
Mas cada um vê com seu olhar.

[1919]

Anda o povo a passar fome
E quem o mandou para a França
Não tem barriga para o que come
Nem mãos para o que alcança.

296

Os ladrões já não andam na estrada,
Moram na pele dos ministros.

□

□

Pobre era Jesus Cristo
E ainda o puseram na cruz.
De dentro de mim avisto
O Princípio de uma luz.

Não é português quem come
À custa do português pobre.

Nasceram aqui porque tinham
Que nascer em qualquer parte

Ninguém odiava o alemão.
Mais se odiava o francês.
Deram-nos uma espada para a mão
E uma grilheta para os pés.

Podiam fazer negócios
Sem vender a nossa pele.

É inglesa a constituição,
E a república é francesa.
É d'estrangeros a nação,
Só a miséria que é portuguesa

Venderam a Portugal
Para ter dinheiro em notas.
Meteram-nos na guerra a mal
Só para termos derrotas.

Não nos davam de comer,
Nós é que éramos a comida,
Para eles poderem viver
Que lhes estorvava a nossa vida?

Metade foi para a guerra,
Metade morreu de fome.
Quem morre, cobre-o a terra.
Quem se afoga, o mar o some.

Meu coração está a estalar,
Minha alma diz-lhe não.
Vejo o Encoberto chegar
No meio da cerração.

[1919]

Era dez reis por cada homem
Para o Chagas ter fato novo.
Cada prato que eles comem
É tirado da vida do povo.

Está diante de mim um abismo
Que é a própria cara de Deus.
Quando me deito e cismo
Ando por cima dos céus.

Jesus Cristo e as cinco chagas
É uma escrita no meu coração.
Por mais que se roguem pragas,
O mau há de ter perdão.

Quando for a comer peixes
Quem se dá bem com o leão
Portugal não mais te queixes
Que volta D. Sebastião.

Logo que a Lua mudar
De onde não mostra valia,
No meio do meio do ar
Há de aparecer o dia.

[1919]

Sou cego mas tenho vista
Com olhos de ver no escuro.
Falta o melhor da conquista
Que é ver para lá do muro.

Se pego no meu bordão
E o finco na terra sinto
Que onde pego tenho razão,
E onde toca na terra minto

Os lobos guiam o rebanho.

Eles vendem a nação
Para ter □ de sobra,
Mas a minha maldição
Vem do povo como uma cobra.

M...ram na pia da Igreja,
Escreveram na porta do Paço
É em linha reta de Beja
Que está quem traz o baração.

Tudo brinca a ser português.

Mas a verdade há de vir,
O mal há de ser descoberto
E Portugal há de subir
Com a vinda do Encoberto.

[1919]

Não riam da minha praga,
Os que viverem verão
Porque toda a Bíblia acaba
Na vista de S. João.

Hão de os anjos verter mágoa
Em grande guerra com o mal.
O choro é mais do que água,
É mais que terra Portugal.

Fizeram lenha do trono
Mas há mais madeira no mundo.

Nem o mar batendo na praia
Faz a bulha que faço em mim
Quando penso que a manhã raia
E a dor de Portugal não tem fim.

Conto as areias do mar,
Conto poucas mas conto certo.
Portugal só não há de errar
Com a vinda do Encoberto.

Pode não ser de manhã
Que ele venha

Noite e quando a gente sofre.

Sou cego mas vejo bem
No tempo em vez de no ar.
Goze quem goza o que tem.
A nau se há de virar.

Na sua ilha desconhecida
O Encoberto já vai acordar.
Inda tem a viseira subida
E o ar de dormir a pensar.

Sou cego e tenho um bordão
Com que bato nas pedras a achar,
Quando vier o suão
Alguém se há de queimar.

Vejo claro quanto mais deixo
O corpo cego às escuras.
Rogo pragas, mas não me queixo.
As pedras são todas duras.

O fado cantado à guitarra
Tem um som de desejar.
Vejo o que via o Bandarra,
Não sei se na terra ou no ar.

Vejo um grande movimento
Em roda de uma árvore alta.
Das estrelas no firmamento
Há a mais nova que falta.

A preguiça anda de rastos,
Os mortos gemem na cova.
Os gados voltam aos pastos
Quando desce a estrela nova.

Na era de nove e de um
Anda o sol a manobrar.

□

□

Há uma música que me sustenta,
E que vem do fundo do céu.
Quem come é que rebenta,
Canta só quem não comeu.

Depois de quarenta e oito
Quando o sol estiver no Leão,
Há de vir quem traga o açoitado,
Até os mortos se erguerão.

Dizem que eu estou maluco
E falo sem ser preciso.
Mãe, se o teu filho está louco
O Norton que lhe dê juízo.

Dizem que falo às avessas,
Noiva, o teu noivo soldado

Eu não quero nenhum estrangeiro,
Francês e inglês é o demónio,
Cuidado com o Terceiro
Que não é o Pimenta ou o Sidónio.

Falo na minha guitarra
Só com o meu coração,
Vejo o que via o Bandarra
E no fim há um clarão.

Toco o fado por ter fome,
Canto à noite por estar só,
Sete letras tem seu nome

Minha esquerda é a direita
De quem corre para mim.
Do futuro alguém me espreita,
Portugal não terá fim.

Se tenho frio me aqueço
Só com pensar no Encoberto.

[1919]

300

A lembrada canção,
Amor, renova agora.
Na noite, olhos fechados, tua voz
Dói-me no coração
Por tudo quanto chora.
Cantas ao pé de mim, e eu stou a sós.

Não, a voz não é tua
Que se ergue e acorda em mim
Murmúrios de saudade e de inconstância,
O luar não vem da lua
Mas do meu ser afim
Ao mito, à mágoa, à ausência e à distância.

Não, não é teu o canto
Que como um astro ao fundo
Da noite imensa do meu coração
Chama em vão, chama tanto...
Quem sou não sei... e o mundo?...
Renova, amor, a antiga e vã canção.

Cantas mais que por ti,
Tua voz é uma ponte
Por onde passa, inúmero, um segredo
Que nunca recebi —
Murmúrio do horizonte,
Água na noite, morte que vem cedo.

Assim, cantas sem que existas.
Ao fim do luar pressinto
Melhores sonhos que estes da ilusão.

1-1-1920

Longe de mim em mim existo
À parte de quem sou,
A sombra e o movimento em que consisto

301

1-1-1920

Pudesse eu como o luar
Sem consciência encher
A noite e as almas e inundar
A vida de não-pertencer!

302

1-1-1920

Outros terão

Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.

A inteira, negra e fria solidão

Está comigo.

A outros talvez

Há alguma coisa quente, igual, afim

No mundo real. Não chega nunca a vez

Para mim.

«Que importa?»

Digo, mas só Deus sabe que o não creio.

Nem um casual mendigo à minha porta

Sentar-se veio.

«Quem tem de ser?»

Não sofre menos quem o reconhece.

Sofre quem finge desprezar sofrer

Pois não esquece.

Isto até quando?

Não sei. Só tenho por consolação

Que os olhos se me vão acostumando

À escuridão...

13-1-1920

Madrugadas

304

III

Com um splendor de cores e de ruído
Contra a minha atenção
Estruge a aurora, e em cada um meu sentido
Me põe confusão.

Splende, estrangeira radiosa do espaço,
Flor do outro jardim!
Bola multicolor atirada ao regaço
Do que não há em mim!

Splende! Extravasa em ouros e tumulto
E fervor da subida!
Esgar ao meu coração, anónimo insulto
De Deus e da Vida!

15-1-1920

Ah, a angústia, a raiva vil, o desespero
De não poder confessar
Num tom de grito, num último grito austero
Meu coração a sangrar!

305

Falo, e as palavras que digo são um som
Sofro, e sou eu.
Ah, arrancar à música o segredo do tom
Do grito seu!

Ah, fúria de a dor nem ter sorte em gritar,
De o grito não ter
Alcance maior que o silêncio, que volta, do ar
Na noite sem ser!

15-1-1920

Poema incompleto

A dor, que me tortura sem que eu tenha
Caminho ou alma para lhe fugir,
Parece que, ao tocar-me, me desdenha,
E só me toca pra o fazer sentir.

Um nojo, não de mim por minha dor,
Mas como que de minha dor por mim,
Jaz no fundo soez do meu rancor
Contra a dor sem razão que não tem fim.

E, neste círculo de dor e mágoa,
Não me encontro senão pra me odiar,
Como o viandante à noite ouve um som de água
Apenas para dele se afastar.

19-1-1920

Luar

I

Toda a entrada de estrada curva ao luar
Vai ter a Sonhar.
Mas é preciso chegar só a entrada, e a fruir;
Nunca prosseguir.
Porque é só a entrada da estrada que leva
Ao sonho que enleva.
A própria estrada só leva a acabada,
A não haver estrada.

II

Passo depressa
Por onde
A água longe começa...
Passei.
Ter passado me esconde
O que mal avistei.

Mas na alma me resta
Um vago
Sorrir tardio, fresta
De sonhar
Luz de não sei que barco por que lago
Sob que luar.

III

Um riso na noite,
Riso de rapariga...
E a alma que não tem onde se acoite
Viu até à liga
A vida, o sorriso, a esperança...
Um riso na noite, mais nada...
Um riso que, por si, é criança,
Perna descalçada...

Um riso sem ninguém
Na noite onde o luar
Anda à procura de alguém
Sem o querer achar.

Um riso, colóquio, entrevista,
O olhar com que o houve
Toca-me no ombro com dedos
Que passam revista
Ao desejo... Assim aprouve
À grande noite sem medos...

Só um riso universal
De uma só boca
Invisível, essencial —
Um riso que me toca
Na cara,... e ao meu ouvido
Que segredo perdido?

IV

Deixa-os falar...
Da árvore pende
O balouço ao luar
Que ninguém pretende...

Deixa-os dizer...
Na alma alagada
Do luar vem ver
A alma sem nada...

Deixa-os sorrir
Só desejo, assim,
Sem te ver, sentir
Que sorris pra mim.

V

No parque para além do muro
Que nesta noite é incerto e escuro
 Erro, mas sem o conhecer,
 Nem onde erro ver.

Que importa? Estou onde me sinto.
Quem sou comigo apenas minto.
 No parque além
 Do muro há alguém.

Abandonado? Há muito ali
Já ninguém vai?... O que eu vivi,
Vivi; o mais... É certo
Estando o sonho perto?

3-2-1920

Dói-me a alma como um dedo. Nem
Sobra da dor com que chorar.
Tem em a vida por vil por quem
O vil mais vil pode enganar.

311

Orgulho? Serve pra que o riso
Dos outros possa ter efeito.
Esgar de mim, sou o preciso
Pra que vaguear me tenha jeito.

Quanto me dói que não doera
Se eu fora como □ quem sou!
À margem, falsa primavera
Que o inverno póstumo gelou!

No silêncio onde escuto a vida
Só um riso chega ao meu ouvido.
Não queiras, alma adormecida!
Não ouças, coração perdido!

10-2-1920

313

No limiar que não é meu
Sento-me e deixo o irrefletido olhar
Encher-se, sem eu ver, de campo e céu.
Se é tarde ou cedo, deixo de notar.
Nada me diz de si qualquer cousa que eu
Possa gozar.

Pelos campos sem fim
Sinto correr, porque na face o sinto,
Um vago vento, estranho todo a mim.
Não sei se penso, ou em que dor consinto
Que seja minha ou desespero sem ter fim,
Ou se minto.

Na inútil hora
Eu, mais inútil que ela, sem sentir
Fito com um olhar que já nem chora
Dor ou desdém, dolo ou infiel sorrir,
O absurdo céu onde nenhuma cousa mora
Para eu fruir.

Apenas, vaga,
Não uma esperança, mas uma saudade
Do tempo em que a esperança, como vaga,
Dava na praia da minha ansiedade,
Me toma e um surdo marulhar meu ser alaga
De vacuidade.

Sim, só um pranto
Já nem choro, tornado um impreciso
Sombrio véu em torno ao desencanto
Da minha vida sem razão nem riso
Me turva o olhar um pouco, e o campo um tanto
Torna impreciso.

Mas acordo, e com vão
Olhar ainda, mas já diferente,
Por star ausente dele o coração,
E eu outra vez nem mesmo descontente,
Fito o céu calmo, o campo, a alegre solidão
Inconsciente.

Nada, só o dia —
Se é tarde ou cedo continuo a errar —
Alheio a mim, a tudo dá a alegria
De não ter coração com que agitar
O corpo. E quando vier a noite, tudo esfria
Mas sem chorar.

Isto, e eu comigo
Posto no eterno aquém das cousas calmas
Que a vida externa mostra ao céu amigo —
Campos ao sol, vivas flores almas.
Isto só, e não ter o coração abrigo
Nem sol as almas!

16-2-1920

Os deuses dão a quem sofre
Só mais dor.
Guardam a esperança num cofre,
Dão ao cofre valor,

314

E depois levam-o pra fora
Da vista e da mão,
Pra que chore a alma, que chora,
Chorar sempre em vão.

16-2-1920

315

Redemoinho, redemoinho
De ao pé do moinho,
Água andando à roda, e dando
Um vago e brando
Marulho de regresso ou mágoa.
Nessa enrolada
Absurda água,
Quero pôr o meu coração,
Para que o veja
Levado à roda inutilmente,
Levado sem para onde ir...
Assim seu sentimento vão
Tem o que seja
Sua expressão;
Assim a minha vida insciente
Terá o sentido de existir.

16-2-1920

316

Onde pus a esperança, as rosas
Murcharam logo.
Na casa, onde fui habitar,
O jardim, que eu amei por ser
Ali o melhor lugar,
E por quem essa casa amei —
Deserto o achei,
E, quando o tive, sem razão pra o ter.

Onde pus a afeição, secou
A fonte logo.
Da floresta, que fui buscar
Por essa fonte ali tecer
Seu canto de rezar —
Quando na sombra penetrei,
Só o lugar achei
Da fonte seca, inútil de se ter.

Pra quê, pois, afeição, speranza,
Se perco, logo
Que as uso, a causa pra as usar,
Se tê-las sabe a não as ter?
Crer ou amar —
Até à raiz, do peito onde alberguei
Tais sonhos e os gozei,
O vento arranque e leve onde quiser
E eu os não possa achar!

16-2-1920

Mataram à machadada
A criança a brincar.
No meu coração não há nada.
Só a sensação magoada
De isso em mim se passar.

320

Deram à criança brinquedos
Para lhos tirar.
Em mim há frio e medos,
A criança é nos meus segredos
Da alma que morreu amar.

25-2-1920

Meu coração caiu no chão.
Pode-o pisar
Quem aqui passar.

321

Minha alma está feita em pedaços.
Pode-os varrer
Quem quiser

É feita sombra a minha vida
Pode-a ignorar
Quem pouco olhar.

É Morte quem eu fui e estive.
Pode-o esquecer
Quem não pode ser.

25-2-1920

322

Um frio de dor
Cai no meu coração,
Estranheza, torpor,
Outono e livor
Da Sensação.

Sem razão oprime
Meu peito esta □
Parece de um crime
Que nada redime
A consciência.

Sufoco na alma,
Não tenho onde ponha
Uma ideia calma
Foi-se-me arisca alma
Com que se sonha.

25-2-1920

Revive ainda um momento 323
Na speranza que perdi,
Flor do meu pensamento,
Hálito do que morri...

Inútil, irreal sorriso
Na penumbra de pensar...
Eu da vida que preciso?
O sonho com que a negar.

Vago luar de promessa,
Resto de sombra a morrer
Na antemanhã que começa
Ah, ter-te, e nunca viver

26-2-1920

Nas cidades incertas 325
Do fundo do mar,
Há janelas abertas
Para ver passar
Vagas sombras no mar.

Há terraços que dão
Para vagas regiões
Onde as ondas estão
Acima e há milhões
De sombras e visões.

Mas nunca às janelas,
Mas nunca ao terraço
Seus olhos de estrelas
A rainha traz, no espaço
Do terraço.

28-2-1920

Fiquei doido, fiquei tonto...
Meus beijos foram sem conto,
Apertei-a contra mim,
Aconcheguei-a em meus braços,
Embriaguei-me de abraços...
Fiquei tonto e foi assim...

Sua boca sabe a flores,
Bonequinha, meus amores,
Minha boneca que tem
Bracinhos para enlaçar-me,
E tantos beijos pra dar-me
Quantos eu lhe dou também.

Ah que tontura e que fogo!
Se estou perto dela, é logo
Uma névoa em meu olhar,
Uma música em minha alma,
Perdida de toda a calma,
E eu sem a querer achar.

Dá-me beijos, dá-me tantos
Que, enleado nos teus encantos,
Preso nos abraços teus,
Eu não sinta a própria vida,
Nem minha alma, ave perdida
No azul-amor dos teus céus.

Não descanso, não projeto
Nada certo, sempre inquieto
Quando te não beijo, amor,
Por te beijar, e se beijo
Por não me encher o desejo
Nem o meu beijo melhor.

[Fevereiro 1920]

Meu coração, feito palhaço,
Já caiu do trapézio ao chão...
Riu dele quem o fez palhaço
E que o fez dar o trambolhão...
Também, quem mandou ser palhaço
Meu pobre e triste coração?...

327

Meu coração, boneco feio,
Foi parar a quem o partiu...
Também, se era um boneco feio,
E se bem via quem o viu,
Como não o achariam feio?
Quem o partiu bem o serviu...

Meu coração, roda quebrada
Do carro de cartão do amor,
Está para ali, no meio da estrada...
Que coisa tola pra ali pôr!
Mas pra que é uma roda quebrada?...
E o meu coração... é melhor?

1-3-1920

Mas dia a dia
Com lapso gradual vai hora a hora
A vida vã tornando-se mais fria,
Vai descorando □ a face,
E a alma, acompanhando

328

Ah, saibamos mostrar
À vida a força de a aceitar,
Indiferentes tanto
Ao riso como ao pranto,
E, espectadores de nós próprios, nada
Na nossa consciência elucidada.

26-5-1920

329A

No ar calmo, aluarado e vão
Da ampla noite de verão,
Se cismo não sei o que penso;
Se sinto, penso noutra cousa... O ar,
Cheio de um mole esquecimento imenso,
Sem que me queira nada, vem-me enredar.

4-6-1920

330

Despedida

Sem beijo
Nem abraço,
O desejo
Cansaço.
Eis o ensejo.
Passo

De mim
Que ficou
No
Que passou.
É o fim.
Acabou...

Nada. A vida
Sem nada.
Uma lida
Apagada,
Descida
Pra a estrada.

Esta
Sem ninguém
Resta
Além.
Que resta?
Quem vem?

Nada fica
Da hora
Improfícu
Agora...

8-7-1920

Os deuses são felizes.
Vivem a vida calma das raízes.
Seus desejos o Fado não oprime,
Ou, oprimindo, redime
Com a vida imortal
Não há
Sombras ou outros que os contristem.
E, além disto, não existem...

332

10-7-1920

Teca

333

Vai-te embora, sol dos céus!
Os olhos da minha irmã
Foram criados por Deus
Pra substituir a manhã.

E se alguém achar mais bela
A noite, por ter mais alma,
Reparem que os olhos dela
Têm a cor da noite calma.

Assim, manhãs na viveza
E noite na cor que têm,
Se há olhos de igual beleza,
Inda os não usou ninguém.

11-7-1920

334

Água corrente,
Frescura a fugir —
A uma alma doente
Tornas inconsciente,
Fáze-la sorrir.

Eu te vejo e ouço
Cantando correr,
E um momento posso
Esquecer o esforço
E o esforço d'ò ter.

E em minha alma vaga
Frescura também
Me envolve, me alaga,
E, se me embriaga,
É num vago bem.

Por isso, no olvido
Isento da água estou
E de um só sentido,
Da vista e do ouvido
Que me furta a quem sou.

Murmúrio da fonte,
Canto da água vão...
Coração insonte
Não tem horizonte...
Dorme, coração!

8-8-1920

Se o teu palácio chega até ao céu,
Até aos deuses chega o meu.
Porque a contemplação, sem erguer menos,
Os palácios pequenos
À condição humana rente ao chão,
Ascende à compreensão
E um só momento basta para erguer
Sem que lho possam abater,
A divina estrutura de chegar
Aos deuses só por os achar.

335

[post 8-8-1920]

Ah, a antiga canção,
Amor, renova agora...
Na noite, no luar, na solidão,
Mais do que chorar o teu canto chora.

336

Chora por mim, não sei que dor
Alheia e minha, e que eu tenho e esqueço.
Só por tu assim cantares te chamo amor,
Nunca te vi; não te conheço.

És só uma voz, casual, talvez
Que apenas canta enquanto és nada.
Voz nada já na viuvez
De teu ser nulo, donde é alada.

Não haverá em nós
Uma dor que não conhecemos
Que, quando stamos sós,
Pára por sobre os remos.

E a água da vida corre sob o sono
Do remador alheio...
Ah, a antiga canção, e o abandono
Que, de ouvi-la, em mim leio.

Cantas; não sei quem és, nem do canto
Sei mais que ter um coração.
Quanto tu choras passa no quebranto
Da noite, nos luares da solidão

E à janela da casa alta do monte
Uma luz aparece
— Isto é em minha alma, sombra e horizonte —
E a vida esquece.

10-8-1920

337

A tua carne calma
É fria em me querer.
Só de ti quero, por abraços,
No sonho dos meus braços,
Um sonho do teu ser.

[ca. 10-8-1920]

Na aldeia ao pé do mar, quem sou?
Ninguém, que tenho que encontrar
Mais do que a aldeia ao pé do mar,
E o mar, que sempre a embalou.

338

[ca. 10-8-1920]

Horário

339

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa
Substitui o calor.
Pra ser feliz tanta cousa é precisa.
Um luzir é melhor.

O que é a vida? O espaço é alguém pra mim.
Sonhando sou eu só.
A luzir, como quem não tem fim
E, sem querer, tem dó.

Extensa, leve, inútil passageira,
Ao roçar por mim traz
Uma ilusão de sonho, em cuja esteira
A minha vida jaz.

Barco indelével pelo espaço da alma,
Luz da candeia além
Da eterna ausência da ansiada calma,
Fanal do inútil bem.

Que se quer, e, se vier, se desconhece,
Que, se fosse, seria
O todo de o haver,... E a chuva cresce
Na noite agora fria.

18-9-1920

340 Eu no tempo não choro que me leve
 A juventude, o já encanecer
 A cabeça que pouco ainda esteve
 Sob o sol alto e a tarde a arrefecer.

Nem choro que não me ames, que faleça
O amor que vi em ti, que também haja
Uma tarde do amar, que desfaleça
E a noite fique, □

Mais que tudo choro já não te amar,
Sim, choro a tragédia de não ser o mesmo na alma,
De te ser infiel sem infidelidade,
De me ter esquecido de ti sem propriamente te aborrecer.

Não é o tempo ido em que te amei que choro.
Choro não te amar já por isso ser natural.
Choro ter-te esquecido, choro não me poder lembrar
Com saudade do tempo em que te amei.

Isso é que choro, sim, com as verdadeiras lágrimas
Que contêm em si os piores mistérios —
A morte essencial das cousas,
O acabar das almas, mais grave que o dos corpos,
O abismo onde a única esperança é poder haver Deus
E um outro sentido desconhecido a tudo que se teve e se foi
Um outro lado, nem côncavo nem convexo à curva da vida.

29-9-1920

Geração vil, intermitência
Do pensamento e da emoção,
Audaz sem fé, certa sem ciência,
Em nada grande, ébria da ação
Que a fé não doura, que o saber
Não faz digna de se querer,

Que sou ele com eles, nada.
Um temeroso do passado
Que vai com eles pela estrada,
Falando um dialeto errado.
Que há de comum entre eles e
Quem, como eu, sobraria?

Assim, sem fé que vos bastasse
Pra suprir a ausência de verdade,
Nem ciência que vos consolasse
Por só querer pouco, ou por vaidade
De julgar esse pouco tudo,
Canto o abismo ou luz ou escudo —

Com a alma nada para a fé
E o espírito nado para a ciência,
Se para deixar cada uma, que é
Mortal à outra, a consciência
Da vida fina-se dia a dia.
Luta, incerteza, horror, maresia.

[post 29-9-1920]

344 Quem rouba a minha bolsa, rouba lixo.
E é alguma cousa e não é cousa alguma
Foi minha, é dele, pode ser de um outro
Mas quem me rouba o meu bom nome, rouba-me
Uma cousa que a ele o não faz rico
E a mim me faz bem pobre.

[post 2-11-1920]

345 Os meus pombinhos voaram.
Eles pra alguem voariam.
Eu só sei que mos tiraram.
Não sei a quem os dariam.

Meus pombinhos, meus pombinhos,
Que já não têm os seus ninhos
Ao pé de mim.
São assim os meus carinhos —
Matam-os todos assim...

[ante março-novembro 1920]

346 Eu tenho um Bebé
Que é.
Quanto ao tamanho
Assim: ●
Quanto ao amor que lhe tenho


esta linha dá a volta ao mundo
Ai de mim!

[ante março e novembro 1920]

Bombom é um doce 347
Eu ouvi dizer
Não que isso fosse
Bom de saber
O doce enfim
Não é para mim...

[ante março e novembro 1920]

Tudo quanto sonhei tenho perdido 348
Antes de o ter.
Um verso ao menos fique do inobtido,
Música de perder.

Pobre criança a quem não deram nada,
Choras? É em vão.
Como tu choro à beira da erma estrada.
Perdi o coração.

A ti talvez, que não te tens dado,
Daria enfim...
A mim... Sei eu que obscuro e incerto fado
Me espera a mim?

[1920]

Os lírios do país do sonho 349
Só têm o aroma de ser vistos...
Meu ser inútil e tristonho
Não o consola nem a Cristo

Só o sonhar inútil e só ver
E que nada vem alterar
É a paisagem sob meu ser...
E o meu céu é abdicar.

[1920]

IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

—
www.impresanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

—
© João Dionísio
e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

—
O livro *VINTE ANOS DE POESIA ORTÓNIMA. I — 1915-1920*
é o quinto título da coleção PESSOANA, série EDIÇÕES,
e tem edição de texto de JOÃO DIONÍSIO.

Tem edição, revisão e paginação
da IMPRESA NACIONAL-CASA DA MOEDA,
e *design* gráfico de EDUARDO AIRES.
Foi composto em caracteres MINION PRO

—
Edição digital gratuita, dezembro de 2020
© Imprensa Nacional-Casa da Moeda



P

E

